



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CAMPOS - CAJAZEIRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**RISCOS E RABISCOS:
AS CHARGES DE ANGELI DURANTE O GOVERNO LULA
(*Folha de S. Paulo* – 2003-2010)**

CICERO ERIVAN LAVOR DE SOUZA

**Cajazeiras-PB
2016**

CÍCERO ERIVAN LAVOR DE SOUZA

**RISCOS E RABISCOS:
AS CHARGES DE ANGELI DURANTE O GOVERNO LULA
(*Folha de S. Paulo* – 2003 - 2010)**

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso –TCC, do curso de licenciatura plena em História, pelo centro de formação de professores-CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Dionizio Neto.

**Cajazeiras-PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

S729r Souza, Cícero Erivan Lavor de

Riscos e rabiscos: as charges de Angeli durante o governo Lula (Folha de S. Paulo – 2003 - 2010) / Cícero Erivan Lavor de Souza. - Cajazeiras, 2016.

68f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Dionísio Neto.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

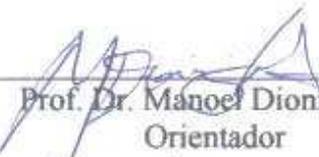
1. Charge política. 2. Governo Luiz Inácio Lula da Silva. 3. Folha de São Paulo - Chargistas. 4. Angeli. I. Dionísio Neto, Manoel. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

CICERO ERIVAN LAVOR DE SOUZA

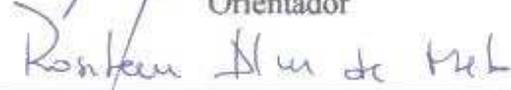
**RISCOS E RABISCOS:
AS CHARGES DE ANGELI DURANTE O GOVERNO
LULA**

(Folha de S. Paulo – 2003-2010)

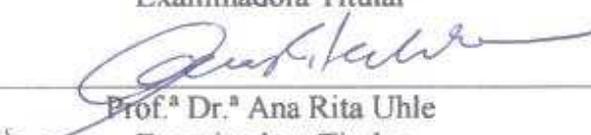
Aprovada em: 12/10/2016



Prof. Dr. Manoel Dionizio Neto.
Orientador



Prof.^a Dr.^a Rosilene Alves de Melo
Examinadora Titular



Prof.^a Dr.^a Ana Rita Uhle
Examinadora Titular

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Suplente

**CAJAZEIRAS – PB
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente.

Ao professor Dr. Manoel Dionizio Neto pelo empenho e desprendimento na orientação deste trabalho.

A minha mãe Francisca Lavor de Souza, por ser uma mulher guerreira e batalhadora, e por ter me ensinado os verdadeiros valores da vida.

Ao meu amigo e hoje professor Assis Severo Lima, por ter me incentivado a entrar no curso de História.

A minha amiga e hoje professora Patrícia Silva, pela força e incentivos durante todo decorrer dessa jornada.

Ao Prof. Luiz Domingos pelas dicas e aconselhamentos.

A toda minha família, por ser a base de minha vida, e aos meus amigos que sempre me deram forças para que eu concluísse esse trabalho.

Aos meus colegas de trabalho que me incentivaram muito para que eu pudesse concluir esse curso.

Aos professores do centro acadêmico de História, que muito contribuíram nesse processo de aprendizagem, e de ensinamentos que levarei para minha vida toda.

E a todos os meus colegas do curso de História, em especial a Moises Roseno, Aurileide Rodrigues, Fernanda Calisto, Evandy Alves, Andressa Silva, Cleomar Sousa, Cléia Tamires, Luís Júnior, Edna Claudia, Lidiane, que adotei como verdadeiros irmãos.

À memória de Mauricio Luiz de
Souza, meu querido e amado
pai.

Dedico.

RESUMO

Este trabalho acadêmico faz um levantamento sobre os oito anos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), tido como um presidente popular visto sob a óptica crítica e humorada das charges de Angeli da *Folha de S. Paulo*. As charges políticas publicadas, em jornais de todo mundo, acabam sendo uma forma diferente de repassar uma notícia, são meios de fazer com que o bom humor e a sátira estejam presentes nesses meios de comunicação, objetivando facilitar as informações de um jeito crítico, mas sem perder o bom humor. Por utilizar das sátiras e dos exageros em seus traços elas conseguem uma fácil interpretação e uma boa aceitação com que as veem. Tem como objetivo mostrar a visão desse jornal com relação a esse governo, mostrar também quais os aspectos mais abordados por essas charges, e como foram retratados pelo chargista. Ainda busca mostrar a importância das charges políticas nos meios de comunicação e de como essa arte pode servir de um instrumento de conscientização popular.

Palavras-chave: Charge. Governo Lula. Folha de S. Paulo.

ABSTRACT

This academic work is a survey of the eight years of government of Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), regarded as a popular president seen from the perspective of critical and humorous cartoons Angeli *Folha de S. Paulo*. The published political cartoons in newspapers around the world, end up being a different way to deliver news, are means to make good humor and satire are present in these media, aiming to facilitate the information in a critical way, but without lose a good mood. By use of skits and exaggeration in their traits they can easy interpretation and a good acceptance with the see. It aims to show that newspaper vision with respect to this government, which also show the most discussed aspects of these cartoons, and how they were portrayed by cartoonist. also seeks to show the importance of political cartoons in the media and how this art can serve as an instrument of public awareness.

Keywords: Charge. Lula government. Folha de S. Paulo.

*A arte é necessária para que o homem se torne
capaz de conhecer e mudar o mundo.*

(Ernst Fischer)

Lista Ilustrações

<i>Figura 1 Friso de Animais (pintura mural). c.15.000-10.000 a.C. Caverna de Lascaux (Dordogne), França (Jenson. Jenson, 1996.p.15)</i>	18
<i>Figura 2 Charge de Manoel de Araújo Porto-Alegre. Disponível em:</i> <i>http://impressaodigital126.com.br/?p=10062/</i>	32
<i>Figura 3 Charge de Cândido Aragonez de Faria .D. Pedro II, como um controlando um carrossel político. Disponível em:</i>	33
<i>Figura 4 Charge de Honoré Daumier. Disponível em:</i> <i>http://charge.openbrasil.org/2014/05/honore-daumier.html</i>	37
<i>Figura 5 Charge do Profeta Maomé I. Disponível em:</i> <i>http://www.todebarba.com/2012/09/charges-de-maome.html</i>	39
<i>Figura 6 Charge do profeta Maomé II. Disponível em:</i> <i>http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/alem-de-maome-jesus-o-papa-e-politicos-foram-cap-a-do-semanal.html</i>	40
<i>Figura 7 Charge na época da ditadura militar. Disponível em:</i> <i>http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2015/09/20/angeli-40/</i>	47
<i>Figura 8 Palácio de Buckinham, uma semana depois... Disponível em:</i> <i>http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/12/06/2/</i>	49
<i>Figura 9 Arnaldo. A alma do negócio. Disponível em:</i> <i>http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2003/02/03/2/</i>	51
<i>Figura 10 Novo empreendimento em Brasília. Disponível em:</i> <i>http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/11/28/2/</i>	52
<i>Figura 11 Buscando ajuda no além. Disponível em:</i> <i>http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/10/08/2/</i>	53
<i>Figura 12 PMDB, a gosma assassina. Disponível em:</i> <i>http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2007/03/28/2/</i>	53
<i>Figura 13 Os tucanos exorcistas. Disponível em:</i> <i>http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/10/27/2/</i>	54
<i>Figura 14 Além do horizonte. Disponível em:</i> <i>http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/06/27/2/</i>	56

Sumário

Introdução	12
Capítulo I	15
A Arte	15
A arte seus encantos e sua utilidade	19
A arte nos dias de hoje	23
Capítulo II	29
As origens das charges	29
.....	29
As charges no Brasil.....	32
A importância das charges nos meios de comunicação	34
A linguagem das charges seus objetivos e seus efeitos.....	36
Capítulo III.....	42
O governo Lula nas charges da <i>Folha</i>	42
Angeli e suas charges	46
O Governo Lula nos traços de Angeli	48
Considerações Finais.....	59
Referências.....	63

Introdução

Este trabalho propõe uma reflexão a respeito do Governo Lula sob a visão crítica e sarcástica das charges. Para isto, parte-se do entendimento de que a charge é uma arte que busca registrar os fatos ocorridos com muito bom humor, mas não perdem sua função que é informar de uma forma irônica sobre os acontecimentos por ela abordados. Desde seu surgimento na Europa, entre os séculos XIX e XX, ela é destinada fazer críticas, com seus traços exacerbados, ao poder institucional e governamental. Por isso, hoje em dia, as charges estão presentes, não somente em jornais, mas também em todas as mídias como Internet, revistas e televisão. Sendo assim, a charge acaba tornando-se um “instrumento” fundamental para satirizar, fazer uma análise crítica ou até mesmo para apenas ilustrar algumas publicações. Através das charges de Angeli usadas aqui nesta pesquisa, publicadas na *Folha de S. Paulo*, podemos refletir os oito anos de Governo Lula sob a visão crítica e sarcástica do chargista, além de nos proporcionar a análise dos fatos ocorridos que marcaram o governo e, por vezes, de uma forma reduzida, alguns de seus aspectos.

Assim, realizar uma análise das charges está ligado ao desejo de captar a atenção das pessoas para mostrar a “força” de comunicação de tal produção artística, além de “explorar” o acervo informativo sobre o Governo, visto sob a ótica de uma linguagem artística e ao mesmo tempo crítica e bem-humorada. Objetiva-se, portanto, mostrar de uma forma resumida alguns aspectos do Governo Lula através das charges de Angeli que serviram para conscientizar a população brasileira a respeito dos fatos ocorridos e que marcaram tal governo. Tornou-se necessário, portanto, demonstrar os assuntos referentes ao Governo do ex-presidente Lula, sob a ótica das charges e desse modo mostrar quais foram os principais aspectos abordados pelo chargista da *Folha de S. Paulo*, e de que forma esses assuntos foram retratados e, por último, mostrar como essa arte de produzir charge pode servir como mais um mecanismo de conscientização popular.

A metodologia utilizada nesse trabalho deu-se por meio de pesquisas realizadas no acervo digital do jornal *Folha de S. Paulo*, além da consulta em outros sites, artigos e livros. As charges políticas aqui utilizadas sobre a “Era Lula” foram publicadas entre os

anos 2003 a 2010, sendo analisadas 102 charges, porém, optamos dentre esse número nos ater a sete ilustrações que consideramos as mais emblemáticas do Governo. Analisamos também algumas edições do jornal durante este período através de seu acervo digital disponibilizado on-line fazendo uma seleção das charges mais interessantes e que enriqueceria a pesquisa através da compreensão do contexto e linguagem que compunham a sua produção.

Em uma perspectiva historiográfica este trabalho acadêmico teve como embasamento teórico os seguintes autores: Ernst Fischer e sua obra *A Necessidade da arte*, a qual aborda a questão da necessidade da arte para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo; também recorremos a obra de Walter Benjamin: *Magia e técnica, arte e política*, onde ele trata da reprodução técnica da obra de arte, a perda da sua aura e do seu valor de culto e o seu valor de sua exposição. Já o texto de Hélio Roque Hartmann “Adorno: Arte e utopia, entre o pessimismo político e o otimismo estético”, capítulo do livro *Teoria crítica, estética e educação*, organizado por Newton Ramos-de-Oliveria, Antônio Álvaro Soares Zuin e Bruno Pucci, mostra a teoria adorniana a respeito da arte no mundo contemporâneo. Outros autores a também recorremos foram Ernest Cassirer, em sua obra *Antropologia filosófica*, e Benedito Nunes com sua *Introdução a Filosofia*. Além desses trabalhos que referidos pelo estudo das artes, são citados ainda pesquisas voltadas ao estudo das charges, realizadas por pesquisadores como Joaquim da Fonseca, José Marques de Melo, João Elias Nery, e que serviram de base teórica para essa pesquisa.

Quanto à estruturação do trabalho, no Capítulo I - “A arte”, buscamos fazer uma breve abordagem a respeito da definição do conceito arte através das leituras de autores como Jorge Colli, Benjamin, Fischer, Adorno, entre outros, com o intuito de promover uma relação entre o que é a arte em si e o lugar que a charge ocupa em tal conceito.

No Capítulo II: “As origens das charges”, a prioridade foi mostrar onde e como elas surgiram. Mostramos neste Capítulo as suas primeiras aparições na Europa até chegar na América, mais especificamente no Brasil. Trabalhamos os conceitos de Fonseca, Melo e Nery, tornando possível falar sobre as suas definições do que venha ser a charge, seus objetivos e funcionalidades, e de como devemos analisá-las, tendo em

mente o seu papel informativo e opinativo, além de considerar sua temporalidade para que assim possamos contextualizá-las.

O terceiro Capítulo: “O Governo Lula nas charges da Folha”, representa todo um resultado percorrido pelos capítulos anteriores dessa pesquisa, uma vez que eles serviram de base para que pudéssemos chegar o desfecho do nosso trabalho. Nesse capítulo, buscamos fazer as análises das charges publicadas na *Folha*, mais especificamente as do artista Angeli, com relação ao período do Governo Lula. Assim, através da leitura dessas charges, chegamos a uma nova forma de falar desse Governo, e mostramos como elas retrataram toda a conjectura governamental, mantendo em foco o fato de que elas, além de expressarem as opiniões do chargista e, de certo modo, as opiniões da população, serviram também como instrumento de conscientização.

Capítulo I

A Arte

Neste capítulo, temos como objetivo fazer uma abordagem sobre a questão da arte, isto é, apresentar algumas noções do que venha ser arte, suas origens, seus encantos, sua beleza e sua utilidade. Além disso, mostrar como o homem vem se relacionando com ela ao longo de sua história a partir do seu despertar para a sua possibilidade, considerando-se assim as diferentes intervenções no fazer artístico mediado pela inserção da arte em sua própria vida. Assim, procuraremos mostrar alguns conceitos referentes à arte sob a óptica de alguns filósofos, e, por fim, procuraremos mostrar ainda que as charges estão dentro de um novo conceito de arte mais moderna, nesse caso por estarem ligadas ao desenho, elas pertencem às artes gráficas.

Mas toda discussão em torno do que seja a arte começa pela dificuldade de defini-la. É isto que observa Jorge Coli. Este autor, em sua obra *O que é arte*, faz uma abordagem sobre a arte enquanto objeto de estudo, e fala das várias divergências e contrariedades que se tem ao tentarem dizer o que seja ou não seja arte. Apesar de não termos uma resposta mais contundente para dizermos o que ela seja, o autor nos diz que, “se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa idéia e como devemos nos comportar diante delas” (Coli, 1995, p.08). Este comportamento, segundo Coli, se dá por meio da admiração, quando estamos diante do objeto artístico.

Deste modo, Coli nos diz que qualquer pessoa é capaz de reconhecer uma obra de arte e que isto se dá através da cultura, pois, segundo ele, a cultura possui meios que nos permitem pensar e reconhecer o que seja a obra de arte. Entende-se aqui por cultura, segundo o autor, o que está exposto no *Novo Aurélio*, Dicionário da Língua Portuguesa: "conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade" (HOLANDA *apud* COLI, 1982, p. 8). Trata-se assim de uma palavra que não é “empregada no sentido do aprimoramento individual do espírito” (Idem, p. 8).

Seguindo com esse entendimento sobre a cultura, Coli entende que ela tem seus próprios mecanismos com que se faz reconhecida a arte, sendo um deles o discurso de quem se reconhece como autoridade para dizer o que seja ou não a obra de arte. Por autoridade entende-se aqui quem tem a competência para julgá-la, sendo por isso o *discurso* compreendido como sendo dos historiadores da arte, bem como dos seus críticos e dos conservadores de museus, que dão ao objeto o status de arte. Isso é o que está dito nas palavras do próprio autor:

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. (COLI, 1982, p.10-11).

Isso significa também que nossa cultura possui locais específicos, onde as artes podem se manifestar. Esses locais, segundo Coli (*idem*, p. 11), podem ser um museu ou uma galeria, como está dito por ele:

Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto. Num museu, numa galeria, sei de antemão que encontrarei obras de arte; num cinema "de arte", filmes que escapam à "banalidade" dos circuitos normais; numa sala de concerto, música "erudita", etc. Esses locais garantem-me assim o rótulo "arte" às coisas que apresentam, enobrecendo-as.

Diante da dificuldade de se definir o que seja arte, segundo esse entendimento de Coli, razão pela qual ele recorre aos mecanismos da cultura para poder pensar o que ela seja, procuraremos agora nos situar no que se pode pensar dela a partir da terminologia da palavra, bem como das definições apresentadas por alguns filósofos, a começar pelos clássicos da Antiga Grécia.

A arte (palavra de origem latina; *Ars*) é algo muito complexo para se definir, pois ela pode ser vista sob vários aspectos e vários ângulos; sua definição é muito subjetiva, mas o fato é que a arte sempre esteve presente ao longo da história da humanidade, podendo assumir várias conotações. É muito comum nos perguntarmos: O que é arte? Qual é a sua função? Para que serve mesmo a arte? Tentar defini-la seria uma tarefa muito complexa, uma vez que, como já foi dito, a arte é algo que requer várias definições, que podem variar com o tempo e espaço. Em virtude disto, faremos

aqui apenas uma breve abordagem sobre ela, tomando como base a definição de alguns autores e pensadores, no sentido de como eles definem, ou tentam representar o seu papel perante a história da humanidade.

Para entendermos um pouco mais sobre a arte, é interessante partir do princípio de que suas origens estão ligadas diretamente as nossas origens. Somos remetidos a isso, quando nos damos conta de que, para pensarmos no que entendemos hoje por arte, vale partir de certas perguntas que, conforme o entendimento de H. W. Janson e Anthony F. Janson, somos levados ao paleolítico, onde nos deparamos com as primeiras manifestações artísticas da humanidade. Assim sendo, segundo eles, faz-se imprescindível partirmos das seguintes questões: “Quando o homem começou a criar obras de arte? Com o que elas se pareciam? O que induziu a criá-las? Toda história da arte deve principiar por essas perguntas – e pela confissão de que não somos capazes de respondê-las” (JANSON; JANSON, 1996, p.14).

Dando continuidade às suas reflexões, os autores acima referidos chamam a atenção para o fato de que a arte faz parte da história da humanidade desde os primórdios das cavernas, quando o homem começou a fabricar suas próprias ferramentas para auxiliá-lo em suas caças. Deste modo, o homem consegue demonstrar suas primeiras habilidades de que se tem notícias: o simples fato de desenvolver suas próprias ferramentas por mais simples que pudessem parecer, já era o suficiente para que ele começasse a perceber diferenças entre uma pedra e outra, entre uma vara e outra, que fosse eficaz na derrubada de uma fruta, por exemplo, ou para triturar ossos. Acredita-se que foi a partir desse momento, quando ele conseguiu fabricar suas próprias ferramentas, que a arte apareceu como produto humano. Nesse sentido, é possível afirmar que, ao mesmo tempo em que o homem é capaz de produzir instrumentos para suas atividades, com vistas à sua subsistência, também se torna capaz de produzir arte ainda que fosse primitiva e rudimentar. Mas isso não se deu da noite para o dia. Antecede esse momento a ausência de qualquer instrumento que pudesse facilitar a vida humana na terra, quando o homem se valia de restos de animais deixados por diferentes predadores ou frutas de que pudessem se alimentar. Com vistas nisso, vale salientar que foram necessários milhares e milhares de anos para que o homem, em seu processo de evolução, chegasse às suas primeiras manifestações artísticas através da produção de ferramentas que melhor lhe desse acesso às possibilidades de alimentação. Entendemos

assim o que nos dizem Janson e Janson (1996, p. 14): “Nossos mais primitivos ancestrais começaram a andar na terra, sobre dois pés, há cerca de dois milhões de anos, mas só por volta de seiscentos mil anos mais tarde é que encontramos os primeiros indícios do homem como fabricante de utensílios”.

É, pois, durante a época paleolítica das cavernas, que podemos encontrar as primeiras imagens pintadas nas superfícies das cavernas. Em geral, esses homens pré-históricos buscavam reproduzir réplicas de animais como: veados, bois, cavalos dentre outros, que viviam vagando pelas vegetações, ou talvez buscassem representar suas próprias caçadas. O exemplo disso pode ser observado na imagem abaixo:



Figura 01 Friso de Animais (pintura mural). c.15.000-10.000 a.C. Caverna de Lascaux (Dordogne), França (Jenson. Jenson, 1996.p.15)

Demonstra-se, em figuras como as do quadro acima, desenhos rupestres encontrados em cavernas e pedras que podem ser considerados exemplos das nossas primeiras formas de arte e que são, também, formas de comunicação impressas pela arte. Nessas primeiras manifestações artísticas, já encontramos toda magia que é própria da obra de arte e que, por sua vez, era própria dos rituais em que se dava a experiência pré-histórica dos nossos ancestrais, para o que nos chama a atenção autores como Janson e Janson (1996, p. 14): “Na verdade, quase não há dúvida de que faziam parte de um ritual mágico cujo propósito era o de assegurar uma caça bem-sucedida”. Dando continuidade a esse entendimento, os referidos autores acrescentam o seguinte: “Chegamos a essa conclusão não apenas devida a sua localização secreta e traços representando lanças ou dardos que apontam para os animais, mas também devido à forma desordenada com que as imagens estão dispostas, umas sobre as outras [...]”. É, como dizem esses autores, o que se pode ver na figura acima.

A arte seus encantos e sua utilidade

Que a arte exerce uma espécie de encantamento sobre os homens, disto não temos dúvida nenhuma. Nesse sentido, podemos dizer que a arte é bela? Pois ela consegue nos tocar. Quem nunca se emocionou ao ouvir uma linda canção do Renato Russo? Ou não se encantou vendo uma peça de teatro ou um filme inspirado na obra de Ariano Suassuna? Quem nunca se embelezou ao ler Carlos Drummond de Andrade ou José de Alencar? Dentre tantos outros grandes artistas dos mais diversos e variados campos da arte?

Mas o que seria mesmo uma coisa bela? A arte é mesmo bela? O simples fato de nos encantarmos com ela faz dela um exemplo daquilo que é considerado belo? É a respeito desse “Belo” que Benedito Nunes, em sua obra *Introdução à filosofia da arte*, fala a partir da visão filosófica grega, e nos mostra que foram três as acepções do Belo segundo os gregos. Assim, de acordo com essa concepção clássica que nos remete à Antiga Grécia, essas acepções são: *estética, a moral e a espiritual*. Nunes, ao discorrer sobre o pensamento dos filósofos que assim conceberam o Belo, diz que o estético está na qualidade dos elementos em seu estado puro, sendo exemplos disso as cores, os sons e as formas, pois esses elementos em seu estado de pureza agradam a visão e a audição. Vejamos o que Nunes nos diz a respeito dessa concepção estética:

Belo é o que agrada ver e ouvir. O agrado estético, prazer de ordem superior, decorre mormente da atividade privilegiada desses dois sentidos, de natureza intelectual, a vista e o ouvido, que estariam mais próximos da essência imaterial da alma. A fruição da beleza, que participa tanto da inteligência quanto da sensibilidade, afeta moderadamente a alma. (NUNES, 1991, p.18)

Quanto ao Belo na concepção moral, Nunes diz que ele está ligado “ao patrimônio das almas equilibradas”. Por isso Aristóteles acreditava que o Belo representava também a medida do Bem, quando *este bem* dizia respeito à justa medida, como algo intermediário entre o vício e a virtude enquanto “meio termo da moderação”. Isso significa, conforme o autor aqui referido, que há, em Aristóteles, uma unificação do Belo com o Bem feita anteriormente por Sócrates e Platão. Ou seja, esses dois filósofos acreditavam que tudo que era belo também era bom. Foi nesse sentido que, segundo

Benedito Nunes (1991, p. 18), Sócrates dizia para os seus discípulos: “Olhos que não enxergam não podem ser belos. Faltar-lhes-ia a perfeição do fim para o qual a natureza os criou”. Nunes, ao discorrer assim sobre essas concepções do Belo, segundo a filosofia clássica, remete-nos aos princípios que orientam à arte, como sendo o da imitação, o da estética e o da moral. Conforme esses princípios, o da imitação diz respeito à definição da natureza da arte, enquanto o estético concerne às condições de existência dessa arte que, segundo o princípio moral, faz-se o julgamento do seu valor.

Partindo desses princípios, é possível compreender o sentido do Belo a partir do que se pode pensar em termos do que se define como *estética* como sendo um desses princípios com que se fundamenta a arte. Neste sentido, Nunes, ao fazer suas explicações acerca do Belo, nos remete também a algumas teses da metafísica platônica. Assim, de acordo com essas teses, a essência não muda, porque pertence ao mundo inteligível, que se contrapõe ao mundo sensível, onde se encontra a mutabilidade das coisas, que são materiais, terrenas e passageiras, diferentemente do que se encontra no âmbito do inteligível, que é próprio daquilo que é imutável, sendo exemplo disto o Belo.

Nesse sentido, Platão vai se referir à poesia como sendo uma forma de arte superior às demais formas de arte. Segundo ele, a poesia era a forma de arte com que a alma mais se aproximava da ideia do Belo. Menosprezando assim as outras formas de arte, como a pintura e escultura, por exemplo, essas duas últimas estavam muito abaixo da beleza, e que a poesia era bem superior a elas. Por se aproximar mais da essência pura, a poesia imita a Beleza superior, enquanto as outras formas de arte apenas representavam uma imitação, ou uma mera reprodução da realidade. Assim, na concepção platônica, o Belo é aquilo que transcende a tudo que existe no âmbito da materialidade das coisas. Assim, podemos compreender o que diz Ernst Cassirer ao pensar sobre a definição clássica da arte, remetendo-nos assim ao pensamento de Aristóteles, que conduz sua reflexão sobre a arte a partir do significado da imitação.

Seguindo por esse entendimento, Cassirer, ao refletir sobre a definição clássica da arte, em seu livro *Antropologia Filosófica*, aborda diferentes teorias a seu respeito, quando fala sobre o fenômeno da “beleza” e nos encaminha a pensar na arte “mimética ou da imitação” nos termos aristotélicos: “a imitação” diz Aristóteles, “é natural para o homem desde a infância; e uma das vantagens que ele tem sobre os animais inferiores é

esta, ser a criatura mais imitativa do mundo, e aprender no princípio, pela imitação” (ARISTÓTELES *apud* CASSIRER, 1977, p.220-221). Essa questão da imitação, segundo Cassirer, torna-se, por sua vez, objeto da filosofia da arte, ao mesmo tempo em que é, também, objeto da filosofia da linguagem. Neste sentido, é possível falar da arte mimética em sua conexão com a filosofia da linguagem, uma vez que ambas estão enraizadas na questão da imitação, onde a linguagem se origina mediante imitação de sons, e a arte se origina de uma imitação das coisas externas, como podemos ver nas palavras do próprio Cassirer (1977, p. 220): “a linguagem e a arte estão incluídas sob a mesma rubrica, a categoria da imitação e sua função principal é mimética. A linguagem se origina de uma imitação de sons, a arte é uma imitação de coisas exteriores”. Por isso, para Aristóteles, a imitação é algo inato ao homem, ou seja, é da natureza do homem, desde a sua infância, repetir as coisas exteriores a ele. Segundo Aristóteles, é muito comum imitarmos tudo que vemos, e com isto estamos também sempre aprendendo alguma coisa. Assim ele diz que esse aprendizado é algo muito prazeroso. Vejamos, em suas palavras, o que ele diz sobre isso:

Estar aprendendo alguma coisa é o maior dos prazeres, não só para o filósofo, mas também para o resto da humanidade, por menor que seja sua capacidade; a razão do prazer em ver a pintura é que a pessoa, ao mesmo tempo, está aprendendo – gravando o significado das coisas, por exemplo, que tal homem é assim ou de outro jeito. (ARISTÓTELES *apud* CASSIRER, 1977, p. 221)

Seguindo com esse entendimento de Aristóteles, Cassirer nos chama a atenção para o fato de que, conforme o mesmo filósofo, “A própria música se tornou imagem de coisas. O tocar flauta ou a dança, afinal de contas, não são mais que imitação, porque o flautista ou o dançarino representam, pelos seus ritmos, caracteres dos homens, tão bem como o que fazem e sofrem (CASSIRER, 1977, p.221).

Nesse conceito clássico da arte mimética, a arte era apenas uma “imitação” de tudo o que já existe e que fica exposto ao homem, e tudo o que ele fazia era reproduzir aquilo que já existia. Em outras palavras, a arte era apenas uma cópia dessa realidade. Ao pintarmos um quadro, ou tocarmos uma música, o homem não fez mais do que reproduzir essa realidade na qual ele está inserido.

Considerando essas diferentes reflexões sobre a arte, conforme o aqui exposto, certificamo-nos de que, de fato, falar de arte não é nada fácil, pois como vemos, há diferentes modos de tratar dela, seja remetendo-nos para a sua definição, sua natureza ou para os seus fins, o que fazemos recorrendo a diferentes teorias. Assim, a partir do pensamento de Ernst Fischer podemos pensá-la segundo a sua função. Deste modo, sob a óptica deste filósofo, em seu livro *A necessidade da arte*, podemos falar do papel da arte dentro da sociedade. O referido autor nos diz que a arte sempre foi uma espécie de magia, e que no seu início estava interligado com a Ciência e a religião, mas que, com o passar dos tempos, esse papel mágico “foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornavam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social” (Fischer, 1981, p.19).

Ao refletir assim sobre esse papel da arte na sociedade, Fischer também levanta alguns questionamentos a respeito da arte, dentre estes questionamentos, pergunta, por exemplo, pela sua relação com o homem e o mundo, bem como pela sua função. Dessa forma, ele busca responder a esses questionamentos tendo como base a necessidade da arte, o que o faz dizer que “a arte tem sido, é e será sempre necessária” (FISCHER, 1981, p. 12). Isto vem contrariar o entendimento de outros, como Mondrian, por exemplo, citado pelo próprio Fischer, que acreditava no seu desaparecimento: “A arte desaparecerá na medida em que a vida adquirir mais equilíbrio” (MONDRIAN *apud* FISCHER, 1981, p. 11). Isto, para Fischer, não seria possível, uma vez que ele acredita que a arte nunca irá desaparecer. Ao contrário, trata-se de um verdadeiro “fenômeno”, como textualmente ele diz:

milhões de pessoas lêem livros, ouvem música, vão ao teatro e ao cinema. Por quê? Dizer que procuram distração, divertimento, a relaxação, é não resolver o problema. Por que distraí, diverte e relaxa o mergulhar nos problemas e na vida dos outros, o identificar-se com uma pintura ou música, o identificar-se com os tipos de um romance, de uma peça ou de um filme? Por que reagimos em face dessas "irrealidades" como se elas fossem a realidade intensificada? Que estranho, misterioso divertimento é esse? E, se alguém nos responde que almejamos escapar de uma existência insatisfatória para uma existência mais rica através de uma experiência sem riscos, então uma nova pergunta se apresenta: por que nossa própria existência não nos basta? Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e outras formas? (FISCHER, 1981, p.12)

Fischer responde essa questão quando afirma que o homem não se contenta em ser apenas ele mesmo; isso porque o homem não se sente completo apenas com sua existência: quer ser muito mais do que um indivíduo comum, e procura através da arte alcançar uma plenitude que só conseguiria através dela. Neste sentido, veja o que o referido autor diz:

É claro que o homem quer ser mais do que apenas ele mesmo. Quer ser um homem *total*. Não lhe basta ser um indivíduo separado; além da parcialidade da sua vida individual, anseia uma "plenitude" que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que *tenha significação*. (FISCHER, 1981, p.12)

Continuando com a sua reflexão sobre o não contentamento do homem em ser apenas ele mesmo, ele chama a atenção para o absurdo que seria se ele se contentasse em se sentir pronto e acabado, não podendo ser outra coisa além do que ele mesmo, como o exposto em suas palavras:

Se fosse da natureza do homem o não ser ele mais do que o indivíduo, tal desejo seria absurdo e incompreensivo, porque então como indivíduo ele já seria um todo pleno, já seria tudo o que era capaz de ser. (Idem, p. 13)

Sendo assim, Fischer acredita que a arte exerce esse papel de ligação entre o homem e o mundo. Além disso, ele acredita, também, que a arte representa essa função de clareamento das relações sociais. Diz que a arte, embora exerça esse papel de iluminação dos homens dentro de uma sociedade, também não pode perder esse elemento mágico que é próprio dela, e sem essa magia a arte deixaria de ser arte.

A arte nos dias de hoje

Atualmente, para se falar da arte, vale retomar o entendimento de Jorge Coli anteriormente referido. Isto significa dizer que somente podemos pensar a arte, nos dias

de hoje, a partir dos mecanismos que a cultura oferece para dizer o que seja ou não a obra de arte. Neste sentido, Coli, ao fazer um questionamento a respeito do que é e do que não é arte, ele dá como exemplo o *Davi* de Michelangelo como sendo uma obra de arte indiscutível. Mas o autor nos questiona quanto ao fato de nos depararmos, hoje, com um “aparelho sanitário” exposto em um museu, por exemplo, como o visto por ele entre as obras de Marcel Duchamp. Seria isso também arte? Certamente esse entendimento já foge um pouco da ideia tradicional que temos de arte, como observa o próprio Coli.

Neste sentido, Coli fala das forças que podem determinar ou atribuir o status de arte a um determinado objeto, sendo exemplo disso, o próprio aparelho sanitário referido, posto em um museu. Igualmente pode se atribuir esse status de arte a objetos que não podem ser postos em um museu, porém, considerados *obras de arte*, podendo-se então afirmar que existem obras de arte que não podem ser transportadas para um museu. Exemplo disso é que ocorre com a arte arquitetônica, como é o caso dos prédios históricos e igrejas que, evidentemente, não poderiam estar dentro de um museu ou em uma galeria; mas elas não deixam de ser arte. Por conta disto, Coli diz que existem outros meios de reconhecê-los como sendo verdadeiras obras de arte, e cita os institutos do patrimônio histórico e artístico, como sendo autoridades para assim defini-las, reafirmando-se aqui o fato de que, como disse o próprio Coli, o discurso competente para dizer o que é ou não arte parte de autoridades como crítico e historiador da arte, o que também pode-se dizer em relação a esses institutos.

Dando, agora, sequência ao que se pode entender nos dias de hoje como arte, sem perder de vista isso que nos diz Coli, é, não só possível, mas também necessário, considerá-la numa perspectiva crítica como o faz Theodor Adorno, quando reflete sobre a mesma como um produto de mercado com tantos outros do mundo capitalista. Neste sentido, faremos uma outra abordagem a respeito da arte, mais precisamente sobre a questão da arte na visão adorniana segundo Hélio Roque Hartmann, quando ele se propõe em sua obra fazer uma leitura da *Teoria Estética* de Adorno. Hartmann vai destacar as teses da Teoria Crítica, teoria essa que se contrapõe aos recursos ideológicos que manipulam de forma negativa a nossa produção artística. Nesse sentido, Adorno acreditava que a arte estava perdendo seu espaço, seu direito de existir, como afirma Hartmann (2001 p. 80-81):

A arte encontra-se hoje em estado de paralisia; segundo a expressão do próprio Adorno, enfrenta uma “situação aporética”. Depois de ter se livrado bem ou mal das funções que lhe eram atribuídas outrora – funções culturais, religiosas, morais, a “visão topográfica” da sociedade burocrática para qual evoluiu o mundo capitalista ocidental soube, em seguida, designar-lhe um lugar no seio da realidade social. Sua autonomia, conseguida a duras penas, se volta contra ela.

Assim, Adorno, ao falar da situação da arte e de sua inexistência no mundo capitalista, refere-se a ela como produto da “Indústria Cultural”, que faz dela uma espécie de mercadoria servindo também como uma espécie de vínculo das classes dominantes. Portanto, ele afirma que a arte esteve durante muito tempo presa à religião e à cultura; agora ela está atrelada a uma espécie de massificação ou escravidão impostas pelas mídias, fruto do imperialismo da dominação capitalista que induz as massas a diferentes formas de consumo, dentre estas, a de consumir o que é imposto como obra de arte. Deste modo vejamos o que diz Hartmann (2001 p. 80):

A arte não só entra no circuito das mercadorias, mas serve de veículo ideológico ao poder social. E não pode ser de outra maneira numa sociedade tecnocrática na qual tudo deve ser pesado, medido e rotulado, vendido e consumido imediatamente, de acordo com normas culturais elaboradas pelos aparatos científicos de pesquisa e dos modernos meios de difusão.

Hartmann, seguindo a concepção de Adorno, fala que é somente por meio de uma sociedade livre que a arte poderia recuperar esse direito à existência. Embora o próprio Adorno não acreditasse muito nisso, por possuir uma visão bastante “pessimista” e ao mesmo tempo “cristalizada” quanto a respeito da condição em que a arte está posta, hoje, pela Indústria Cultural. Assim, Hartmann retoma a teoria marxista sobre a arte e ao método crítico adorniano para tentar entender a arte contemporânea.

Seguindo com esse pensamento adorniano a respeito da arte contemporânea, podemos pensar a condição da arte, hoje, segundo o entendimento de Walter Benjamin. E para a compreensão da passagem da arte do seu sentido originário para a sua condição de mercadoria, esse autor traz a questão da reprodutibilidade da obra de arte do mundo contemporâneo como fruto de toda tecnologia desenvolvida pelo capitalismo.

Considerando a arte a partir dessa reprodutibilidade referida por Benjamin, podemos destacar a *charge* como uma das formas de arte contemporânea que, de algum modo, expressa o alcance do poder tecnológico de uma fase avançada do capitalismo atual. Graças a este poder, foi possível a sua popularização. Por outro lado, também serve de exemplo daquilo que se pode dizer em termos da massificação da cultura promovida pela Indústria Cultural que ocorre com as diferentes formas de arte. Submetida a reflexão de Benjamin, essa massificação da obra de arte, conforme dizemos aqui, podemos pensar como chegou a arte à perda de sua áurea, como forma de desaparecimento daquilo visto como magia por Ernst Fischer. É nessa direção que podemos situar a *charge* como arte no mundo contemporâneo.

As charges se popularizaram muito devido aos avanços da imprensa. A partir do momento em que elas puderam ser reproduzidas e publicadas, ganhando bastante notoriedade. Mas a arte das charges, ou melhor, do desenho propriamente dito, antecede a própria imprensa. Acerca disto, podemos ver o que diz Benjamin em seu livro *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, em que o autor aborda a questão da reprodutibilidade técnica da arte, destacando os recursos tecnológicos do mundo capitalista como meios responsáveis pelo aumento dessa reprodução. Benjamin fala da técnica da xilogravura como um exemplo dessa primeira reprodução das artes gráficas que antecederam a própria imprensa. Segundo ele, “Com a xilogravura, o desenho tornou-se pela primeira vez tecnicamente reprodutível, muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita” (BENJAMIN, 1994, p.166). Ainda dentro dessa perspectiva de Benjamin, a arte sempre foi reproduzível, em sua essência, desde sua origem. Ele reforça essa afirmação quando diz que tudo que era feito pelo homem poderia muito bem ser imitado por qualquer outro. Sendo assim, diz que:

Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. (BENJAMIN, 1994, p.166)

Benjamin vê a questão da reprodutibilidade como sendo algo que populariza a arte, mas que ao mesmo tempo também afeta a sua unicidade, sobre a destruição de sua aura:

O aqui e agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo. -A esfera da autenticidade, como um todo, escapa a reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica. (BENJAMIN,1994, p.167)

Como a ideia aqui foi trabalhar as charges não apenas como um gênero textual mais principalmente dentro desse contexto de arte, podemos afirmar que as charges estão dentro dessa lógica vista por Benjamin, uma vez que a charge é criada pelo o artista em seu ateliê ou estúdio, e depois são enviadas para a imprensa que as reproduzem em larga escala com a intenção não apenas de ilustrarem uma informação, mas também com a intenção de se obter lucros, já que vivemos em um mundo capitalista e industrializado, que permite que isso aconteça. E, com a reprodução da obra de arte, se perde um pouco a sua originalidade, restando somente a cópia.

No caso das charges, isso parece não ser um grande problema, diferente do que ocorre em outros gêneros de arte, como é o caso do famoso quadro da Mona Lisa, já referido anteriormente: fica exposto em um museu onde poucas pessoas têm acesso, e a grande massa só a conhece devido a sua reprodução em inúmeras cópias. Desta feita, como diz Benjamin, ela perde a sua aura, seu valor de culto, e ganha um valor maior de exposição, ou seja, uma massificação enquanto obra de arte. Certamente isso não pode ser visto em igual proporção com as charges, uma vez que nelas não buscamos o valor de culto que podemos encontrar na Mona Lisa, pois, talvez, o mais importante, no caso das charges, seja mesmo seu valor de exposição. Em todo caso, vale considerar a comparação para se pensar, por um lado, a charge como uma expressão da arte; por outro, o modo pelo qual ela pode ser concebida no mundo da reprodutibilidade da arte.

Seguindo com esse pensamento de Benjamin a respeito da reprodutibilidade da técnica da arte, e agora falando da arte das charges e caricaturas, podemos citar José Marques Melo, que é um outro autor que também nos remete a pensar nesse processo de reprodução técnica. Todavia, trata-se, neste caso, do ramo das artes gráficas, ou seja, o

das charges, que é o tema central da discussão que empreendemos aqui. Melo afirma que o advento dessas novas técnicas de reprodução ajudou a divulgar e a expandir a arte das caricaturas, como está dito com as suas próprias palavras: “a introdução da caricatura à imprensa explica-se pela conjugação de dois fatores sócio-culturais: o avanço tecnológico dos processos de produção gráfica e a popularização do jornal como veículo de comunicação coletiva” (MELO *apud* OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 79)

Capítulo II

As origens das charges

Neste capítulo, apresentaremos uma breve abordagem da história das charges, desde suas origens, na Europa, até sua chegada ao Brasil, suas principais características, suas linguagens e as polêmicas em torno delas. Mostraremos também as diferenças entre charges e caricaturas, ao tempo em que referendamos alguns dos principais nomes desse segmento da arte, em nosso país, e qual a função das charges nos meios de comunicação.

A *charge* é uma palavra vinda do dicionário francês “*charger*” que quer dizer carga, exagero de caricaturas, que satiriza um certo fato, acontecimento, envolvendo principalmente os casos de caráter político. Referimo-nos aqui à origem do termo charge a respeito da qual Joaquim da Fonseca (*apud* PARNAIBA;GOBBI, 2013) diz o seguinte: “O termo charge vem do francês, e significa carga, no sentido de carregar, exagerar, ou ainda atacar violentamente – uma carga de cavalaria”. Ela surgiu como uma forma de se fazer crítica a vários acontecimentos e situações, mas o foco mesmo dela está relacionado praticamente às situações da política. Desde as primeiras charges, que surgiram por volta dos séculos XIX e XX, na Europa, elas vêm mantendo a característica de transmitir uma certa carga de exagero e ironia com relação aos fatos, mantendo sempre uma linha bem descontraída ao reproduzir as caricaturas dos políticos envolvidos nos acontecimentos mais polêmicos. Deste modo, elas acabam expressando os sentimentos e reivindicações das pessoas em relação aos fatos noticiados, dos quais elas passam a ser ilustrações. Deste modo, a charge acaba sendo uma espécie de resposta da sociedade à falta de compromisso e de responsabilidade dos governantes em relação aos anseios do povo.

Para darmos seguimento à discussão quanto a origem da charge, é preciso tomarmos ciência de que a sua história quase sempre é confundida com a das caricaturas. Apesar de muito semelhantes, estando elas muito ligadas uma a outra, não podem ser confundidas. Embora as pessoas não notem muita diferença entre elas. A charge e a caricatura possuem finalidades distintas. Talvez, para os leitores, essa

diferença não importe muito; mas é bom saber diferenciá-las. A charge se preocupa mais em registrar um fato, um acontecimento; geralmente representa um fato político, ou algo que chame a atenção da sociedade, mas pode também representar outros acontecimentos das mais diversas áreas. Podemos assim nos referir a algumas diferenciações entre elas, como o exposto a seguir.

A caricatura representa um desenho com traços exagerados de uma pessoa geralmente uma personalidade, mas que pode ser também qualquer outra pessoa, famosa ou não. Assim, a caricatura, de origem italiana, vindo da palavra “Caricare”, significa "exagerar". Ela pode simbolizar ou representar um político, um artista, ou qualquer pessoa, mas não se preocupa em representar nenhum acontecimento, nenhum fato importante, como ocorre com a charge que se preocupa em simbolizar tudo isso. Aqui cito as definições de José Marques de Melo (2003) que diz: Caricatura (propriamente dita) é o “[...] retrato humano ou de objetos que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos. Sua finalidade é suscitar risos, ironia. Trata-se de um retrato isolado” (MELO *apud* PARNAIBA; GOBBI, 2013). Isso é enfatizado nas palavras de Mastrotti (*apud* PARNAIBA; GOBBI, 2013), quando diz: “representação gráfica com distorções anatômicas bem-humoradas de pessoas ou personalidades dependendo do seu uso”

Já com relação às definições de charge, Melo (*apud* PARNAIBA; GOBBI, 2013) diz que é a

[...] crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista. Tanto pode se apresentar somente através de imagens quanto combinando imagem e texto (título, diálogos)

Deste modo, é fácil perceber o quanto é fácil para as pessoas confundirem charge e caricatura, de forma que, muitas vezes, consideram a mesma coisa quando se trata desse assunto. Assim, por possuírem características tão similares, alguns autores dizem que uma é a ramificação da outra. Mas independente dessas definições, caricatura e charge são desenhos, e o desenho precede a escrita, sendo uma das primeiras formas de comunicação do homem. Portanto, para Fonseca, as charges já fazem parte da experiência humana, desde os primórdios da história da humanidade. Segundo ele, os

egípcios, por exemplo, “apesar da austeridade de seus padrões artísticos, já representavam os homens ironicamente como animais ou em situações ridículas” (FONSECA *apud* PARNAIBA; GOBBI, 2013)

Quanto ao surgimento das charges, Fonseca acredita que foi, no Renascimento, que de fato surgiram as caricaturas, tendo como seus inventores os irmãos Carraci, como ele próprio diz:

Se entendermos o termo caricatura para significar um certo método caligráfico de desenho, podemos considerar os Carraci como seus inventores. Ou melhor: eles são os últimos de uma série precursores cujo trabalho tem que ser levado em conta se quisermos não apenas conhecer o resultado, mas também os passos que levaram ao seu surgimento. (FONSECA *apud* PARNAIBA; GOBBI, 2013)

Porém, Fonseca (*Id., Ibidem*) chama a atenção para o fato de que a sátira social foi inaugurada por Jacques Callot, francês que “satirizou os elegantes, os mendigos e todas as outras classes que se posicionaram entre esses extremos”, enquanto considera a Holanda como o berço da caricatura política, tendo ela surgido durante o século XVII. Ainda segundo Fonseca, a caricatura ganha as características de charge na Inglaterra, em 1710, isto é, no século XVIII, registrando um acontecimento político de grande repercussão, espalhando-se pelo mundo a partir daí, tendo assim chegado à América Latina em meados do século XIX.

Desde então, as charges possuem esse poder de representar de alguma forma cultura, os problemas sociais e o nosso modo de vida, despertando sempre o riso entre seus leitores. Elas nos conduzem também a uma reflexão sobre o assunto abordado. Por utilizarem dessas figuras que são desenhos bastante carregados em suas formas e expressões, acabam expressando a opinião e o estilo dos chargistas a respeito de determinado assunto por ele abordado. Daí ser muito comum o uso das charges em livros, jornais, revistas e noticiários televisivos, bem como na mídia em geral.

As charges no Brasil

No Brasil, desde a época do Império de D. Pedro II, as charges já davam o ar de sua graça. A primeira charge de que se tem notícia em terras brasileiras, foi publicada por volta do ano de 1837, tendo como autor o artista Manuel de Araújo Porto-Alegre. Esta charge, conforme vemos abaixo, foi uma crítica feita por este artista por conta de um caso de corrupção, envolvendo um funcionário do governo ligado ao jornal *Correio Oficial*, e denunciado pelo jornalista Justiciano José da Rocha, como disse Maria Garcia (acesso em 06/04/2013): “Tratava-se, na época, de uma sátira ao assunto tratado pelo jornalista Justiciano José da Rocha. Este denunciava as propinas recebidas por um funcionário do governo ligado ao Correio Oficial. A charge aqui referida é justamente abaixo apresentada:



Figura 02 Charge de Manoel de Araújo Porto-Alegre. Disponível em: <http://impressaodigital126.com.br/?p=10062/>

Essa charge, como dissemos, tida como a primeira publicada em nosso país, apareceu, primeiramente como uma estampa avulsa, sendo posteriormente noticiada no *Jornal o Comercio* do Rio de Janeiro, no mesmo ano de sua aparição, conforme citado por Fonseca (*apud* PARNAIBA; GOBBI, 2013):

Saiu à luz o primeiro número de uma nova invenção artística, gravada sobre magnífico papel representando uma admirável cena brasileira, e vendida pelo módico preço de 160 réis cada número, na loja de livros e gravuras de Mongie, Rua do Ouvidor, nº 87. A bela invenção de caricaturas, tão apreciadas na Europa, apareceu hoje pela primeira vez no nosso país, e, sem dúvida, receberá do público aqueles sinais de estima que ele tributa às coisas úteis, necessárias e agradáveis.

Deste modo, é possível perceber no comentário de Fonseca, referindo-se à charge de Manoel de Araújo Porto-Alegre, que até então a charge era uma novidade em nosso país, e que pela primeira vez era reproduzida aqui, no Brasil, sendo que essa arte já era muito apreciada na Europa. Fica evidente, portanto, nos relatos de Fonseca, que o surgimento das charges, em nosso país, ocorreu durante o período imperial. Reafirmando esta informação sobre a aparição das charges no Brasil, podemos observar que esta outra charge abaixo foi publicada por volta do ano de 1847, quando o país se tornara uma monarquia parlamentarista. Os vários conflitos políticos entre os conservadores e os liberais da época deram origem a uma charge do Imperador D. Pedro II como uma espécie de centralizador ou controlador de conflitos políticos:

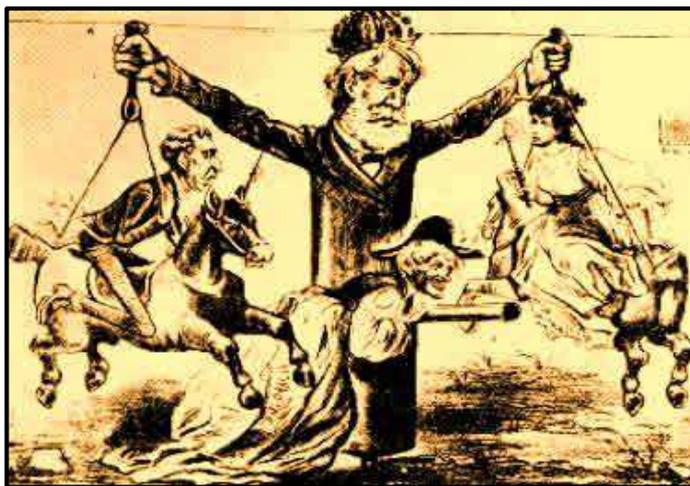


Figura 03 Charge de Cândido Aragonês de Faria “D. Pedro II, como um controlando um carrossel político”. Disponível em: <http://segundoreinado.wordpress.com/category/parlamentarismo-as-avessas>

Assim, a partir do período imperial, as charges, no Brasil, foram se expandindo e se intensificando com o decorrer dos tempos, e com o fim do período imperial e o início do republicano, elas ganharam mais visibilidade. Desde então, esse gênero conhecido pelos seus traços humorísticos e satíricos ganharam força, principalmente com o

surgimento das revistas, jornais, dentre outros, com dizem Parnaíba e Gobbi (2013): “O período entre o final do Império e início da República acabou sendo oportuno para o desenvolvimento do humor e da sátira por suas características, com as disputas entre monarquistas e republicanos”. Quanto a isso, vejamos ainda o que diz Elias Thomé Saliba (*apud* PARNAIBA; GOBBI, 2013):

Essa tradição da representação humorística, que já vinha do jornalismo satírico da Regência e dos folhetins cômicos do Segundo Reinado, ganha maior força e se aprofunda com o desenvolvimento da imprensa e com a proliferação das revistas ilustradas e do réclame publicitários no início da República

Para falar das charges e de suas primeiras aparições em nosso país, é preciso que se fale também dos chargistas, ou pelo menos referência a alguns dos mais importantes nomes desse seguimento artístico no Brasil. Neste sentido, podemos falar que foram pioneiros chargistas como Manoel de Araújo Porto-Alegre e Ângelo Agostini, considerado um dos precursores no ramo das charges, tendo feito parte das primeiras revistas especializadas deste seguimento no ano de 1876. Assim, como eles, tivemos outros até chegarmos em um período mais recente com Ziraldo, Jaguar, Millôr Fernandes, Chico Caruso, Henfil, entre outros. Dentre eles, estiveram aqueles que, durante o período ditatorial brasileiro, desempenharam um papel muito importante na luta contra o Regime Militar, utilizando a sua arte como um meio de protesto, unindo forças com todos os que se opunham a esse tipo de governo. Hoje, no Brasil, embora vivendo num regime democrático, vivenciamos ainda vários outros tipos problemas, em vários aspectos, como a falta de saneamento básico, injustiças sociais, a corrupção nas repartições públicas, dentre outros. Esses problemas também estão representados nos traços de vários chargistas espalhados em diversos meios de comunicação pelo país a fora.

A importância das charges nos meios de comunicação

As publicações das charges normalmente se fazem nos meios de comunicação, desempenhando um papel de fundamental importância, seja ela escrita (revistas e

jornais) ou nas mídias virtuais (televisão, Internet etc.). Nesses casos, as charges aparecem com certa frequência por serem de fácil comunicação, fazendo com que o principal objetivo delas seja o de transmitir de forma imediata todo um sentimento de revolta ou indignação que é, ao mesmo tempo, do chargista e da população com relação a um determinado fato, seja de cunho político ou social, podendo ser também esportivo ou religioso. Seja qual for a situação, as charges buscam repassá-la através de seus traços.

Desse modo, a charge, nos veículos de comunicação, funciona como uma espécie de ferramenta de opinião, podendo-se, portanto, concordar com Parnaíba e Gobbi (2013), quando afirmam que a principal função da charge é “expressar opiniões acerca dos fatos, e não apresentar novos acontecimentos aos leitores. Por isso a consideramos uma ferramenta opinativa”.

Assim, como ferramenta de opinião, a charge é veiculada através dos diferentes meios de comunicação, dando acesso à população ao que se pode pensar em relação aos diversos acontecimentos. Quando se trata de acontecimentos políticos, na maioria das vezes, são verdadeiros escândalos que fazem com que a maior parte da população de um país fique indignada, e a charge expressa muito bem esse sentimento de revolta.

Mas esse papel opinativo da charge, que é também crítico, só alcança espaço apropriado para a sua difusão, nos meios de comunicação, em regimes democráticos, pois em regimes totalitários, ela passa a ser censurada, sofrendo o chargista diversas formas de perseguição política. Neste sentido, João Elias Nery (*apud* OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 82) diz que a charge é a “forma de comunicação que só pode desenvolver-se em espaços democráticos, pois enfoca diretamente as personalidades públicas do campo da política em especial os representantes ou aspirantes ao executivo”.

As charges, portanto, buscam passar essas informações de uma forma bastante crítica, atingindo todas as camadas sociais ao facilitar o acesso a essas informações, que chegam às pessoas de forma crítica, mas revestidas de um bom humor. Deste modo, deixa as pessoas bem informadas e, ao mesmo tempo, bem-humoradas, sem que as charges pecem sua principal característica, que é a crítica. Ilustrando as manchetes sobre os mais variados acontecimentos, tornam essas notícias mais atraentes, e contribuem

para desenvolver um senso mais crítico, e ao mesmo tempo mais divertido sobre os fatos, isto é, uma forma mais descontraída de repassar algo que revolta a população.

Assim, sendo, a charge, quando publicada em uma página de jornal, adota um papel de reforçar uma opinião sobre um determinado tema. A respeito desta questão, cito aqui Neide Arruda de Oliveira e Lara Monique O. Almeida, que, em seu artigo sobre as charges, fazem uma ponte entre o pensamento de Nery e Melo acerca das charges como gênero opinativo em um jornal em que Nery (*apud* OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 82) afirma uma certa parcialidade na elaboração da charge: “[...] a charge insere-se então a favor dos grupos ou partidos políticos que editam o jornal e contra seus adversários”. Essa forma de pensar é contrariada, primeiro, pelo que pensa Melo, pois, segundo ele, “geralmente nossos chargistas gozam de independência para produzir seus desenhos caricatos” (MELO *apud* OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 82); segundo, pelo próprio Nery, uma vez que, como dizem Oliveira e Almeida, ele se contradiz ao fazer depois a seguinte afirmação: “Hoje chargistas mantêm vínculos com as empresas jornalísticas e têm liberdade, interna e externa, à empresa, para criar e veicular os seus trabalhos” (NERY *apud* OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 82).

Outra coisa que se observa na inserção das charges nos meios de comunicação, são os avanços tecnológicos que ampliaram ainda mais o seu público, marcando presença tanto na TV como na Internet, alcançando um público cada vez maior, de forma que passa a ser agora sociedade em seu sentido mais geral.

A linguagem das charges seus objetivos e seus efeitos.

A charge possui uma linguagem muito simples, sua estrutura é à base de desenho e texto, podendo também ser composta por imagem e sons, no caso das charges virtuais, veiculadas em vídeos na internet ou na televisão. No caso das charges impressas em jornais ou revistas, a linguagem pode ser verbal ou não verbal. Em seu artigo sobre charges, Maria Clara Catanho Cavalcante (2012, p. 75) diz o seguinte: “As charges podem ser constituídas apenas por linguagem não verbal, no entanto é mais comum apresentarem linguagem verbal, geralmente aparece dentro de balões, representando a

fala ou pensamento das personagens”. Além desses balões, os textos podem vir algumas vezes em forma de legendas. Outra característica presente na charge é a ambientação e as caricaturas feitas pelo chargista que favorecem um melhor reconhecimento dos leitores com relação ao tema abordado.

Para compreendermos melhor isto, vejamos o que diz a pesquisadora Onice Flores em seu livro: *A leitura da charge*, onde ela destaca as charges em quanto texto:

A charge é um texto usualmente publicado em jornais sendo por via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizados de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la, sem considerar os dois códigos, complementarmente, associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado - aquele e não outro qualquer. (FLORES *apud* PARNAIBA; GOBBI, p. 2013)

Para o melhor entendimento e compreensão ao fazermos a leitura das charges, é necessário que seus leitores estejam cientes das informações as quais a charge está se referindo, pois quase sempre ela representa uma informação atual. É importante também analisar a imagem e associá-la à informação, ou seja, contextualizá-la com os fatos, uma vez que a charge é temporal. Para exemplificarmos melhor essa leitura da charge vejamos nas palavras de João Elias Nery (*apud* OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p 86) que diz:

Sem o contexto, é impossível interpretar a charge e, com o distanciamento temporal em relação ao fato, a charge vai perdendo sua capacidade de comunicação. A charge é um tipo de registro da história que necessita, para uma interpretação aberta estar relacionada aos eventos políticos-culturais de seu tempo.

Seguindo ainda com essa discussão a respeito das linguagens das charges, devido aos seus traços exacerbados e irônicos, elas podem causar muitas revoltas e seus efeitos podem ser muitas vezes, bastante truculentos. Elas, ao longo dos tempos, sempre conseguiram provocar muitas polêmicas em torno dos temas por elas abordados. Talvez

devido aos seus traços cômicos e quase sempre retratando políticos e governantes em situações bastante embaraçosas perante à sociedade. Já protagonizaram muitas polemicas e muitas reviravoltas em todo o mundo. Um dos primeiros exemplos disto ocorreu em 1831, na França, quando o desenhista e também caricaturista político Honoré Daumier fez uma caricatura ridicularizando o Rei da França Luis Filipe, Vejamos a charge abaixo:

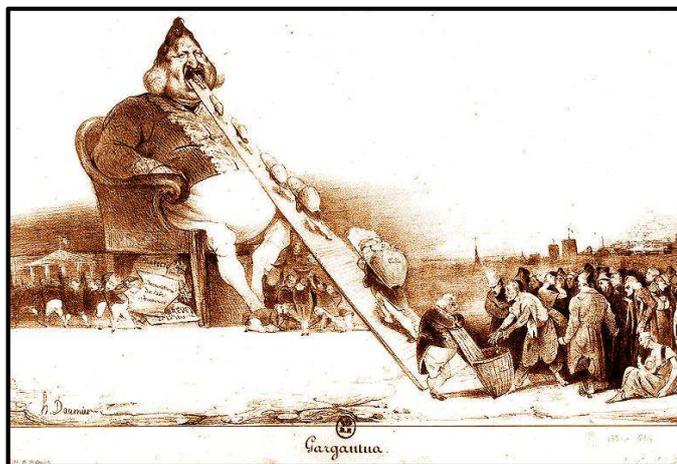


Figura 04 Honoré Damuier, Gargantua. Disponível em: <http://charge.openbrasil.org/2014/05/honore-daumier.html>.

Daumier que corajosamente enfrentou as leis de censura da época que contolavam a liberdade de imprensa, acabou por conta dessa charge (*figura 04*) exposta acima, preso durante seis meses. Daumier, além de caricaturista, foi também pintor e escultor, mas se empenhou em combater com sua arte os desmandos políticos e a corrupção na época. Daumier não foi o inventor da caricatura, e sim um dos precursores desse seguimento, principalmente nos meios de comunicação de massa. A respeito disso, vejamos o que diz Giulio Carlo Argan em sua obra *Arte Moderna*, considerando essa fascinação de Daumier com relação ao uso de sua arte no intuito de combater os desmandos dos poderes da época:

Daumier foi o primeiro a fundar a arte sobre um interesse político (vendo na política a forma moderna da moral), o primeiro a se valer de um meio de comunicação em massa, a imprensa, para com a arte de influir sobre o comportamento social. A imprensa, para ele, não foi apenas um meio de divulgar suas imagens; foi a técnica com que produziu imagens capazes de alcançar e influenciar seu público. (ARGAN, 1992, p. 64)

Seguindo com esse discurso a respeito dos efeitos que as charges podem causar vejamos esse outro exemplo mais recente do poder que as charges possuem ao repassar suas críticas, a ponto de causar verdadeiras revoluções. Trata-se aqui das charges que retrataram o profeta Maomé. Pasmem, não é exagero: recentemente, por conta dessas charges, o mundo árabe, em pleno século XXI, se transformou no verdadeiro alvoroço devido a essas publicações. Essas charges rodaram o mundo e foram alvo de muitos protestos, uma vez que o povo islâmico não aceita de forma alguma que se retrate a imagem desse profeta. O curioso nisso tudo é como uma charge conseguiu causar tanta fúria e tantos alvoroços, já que se trata apenas de um desenho. Se formos olhar pelo lado religioso ou cultural, pode ser bastante ofensivo. Polêmicas à parte, o fato é que as charges ainda mantêm um poder muito grande de comunicação, e podem mexer com a cultura, a política e também com as religiões; enfim, podem muito bem mexer com os sentimentos das pessoas. Vejamos a charge abaixo:

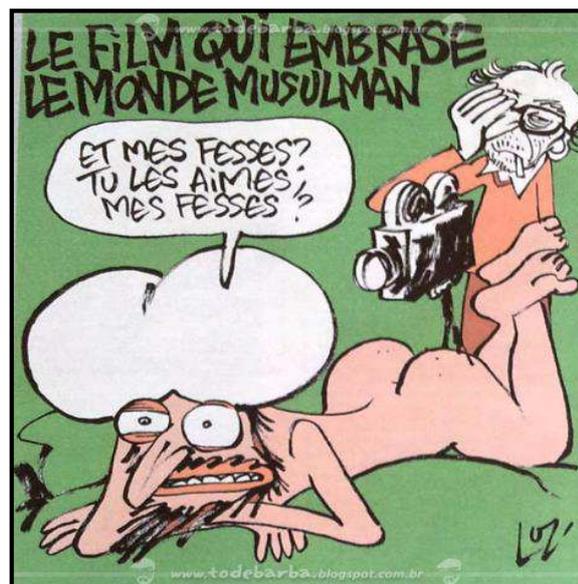


Figura 05 Charge do Profeta Maomé I. Disponível em: <http://todebarba.blogspot.com.br/2012/09/charges-de-maome.html>

Ainda seguindo com essa discussão sobre os efeitos que as charges podem causar, como podemos ver nessa especificamente a respeito do profeta Maomé nessa charge

(figura 05), ela faz referência a um filme sobre o mesmo profeta, e, como podemos observar, usa de uma carga muito exagerada, diria até que um pouco forte para as tradições muçulmanas. Vejamos as traduções dos enunciados que a charge traz:

“*Le film qui embrase le monde musulman*” - O filme que acendeu (no sentido de provocar) o mundo muçulmano. “*Et mes fesses? Tu les aimes; mes fesses ?*” - E minha bunda? Você ama minha bunda? Ou seja, a charge faz uma sátira ao filme “*innocence of muslims*” e retrata Maomé em situação meio constrangedora. (<http://www.todebarba.com/2012/09/charges-demaome.html>)

Ainda com relação a essas charges do profeta Maomé, não podemos deixar de citar os atentados sofridos pela revista francesa *Charlie Hebdo*. Além de fazer sátiras sobre políticos, como o profeta Maomé, também fez charges simbolizando Jesus Cristo. Mas, por conta das charges referentes ao profeta Maomé, foi alvo de atentados terroristas desde a sua primeira publicação em 2006. E em 2015, a revista foi alvo de um atentado que vitimaram doze pessoas que trabalhavam na própria revista, e que resultou também na morte de quatro cartunistas da *Charlie Hebdo*. Vejamos aqui uma delas abaixo:

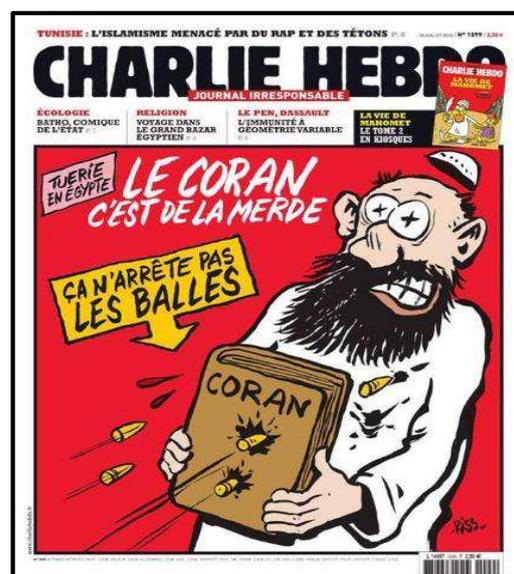


Figura 06 Charge do profeta Maomé II. Disponível em:
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/alem-de-maome-jesus-o-papa-e-politicos-foram-capa-do-semanal.html>

Essa charge acima faz uma referência a um massacre no Egito. Foi publicada em 2013, e satiriza o livro sagrado dos muçulmanos. A ilustração traz ainda uma frase que diz o seguinte: “O corão é uma merda, pois não para as balas”. A partir desses exemplos, podemos perceber o quanto é poderosa e ao mesmo tempo provocador o uso de uma charge em um noticiário, seja em revista, jornais ou televisão. As charges têm essa facilidade de provocar várias formas de reações do seu público com seus desenhos caricaturados. Deste modo, elas conseguem transitar para todos os tipos de públicos, sejam eles leigos ou não; as charges sempre conseguem transmitir suas mensagens e repassar suas críticas e sua irreverências com os exageros de suas ilustrações.

Quanto aos objetivos das charges, acreditamos que o principal deles seja o da informação, ou seja, tornar os cidadãos cada vez mais esclarecidos e desenvolver um caráter mais crítico. Com isso, pretende-se fazer com que as pessoas se tornem mais cientes e conhecedoras de seus direitos passando a cobrar um pouco mais dos governantes as melhorias necessárias nas áreas da educação, segurança, saúde, bem como mais moradia, mais empregos e por mais moralidade na política. As charges também podem ajudar a promover um amadurecimento mais crítico da sociedade. Sendo assim, essa representação funciona como mais um instrumento crítico no auxílio de nossas escolhas políticas, possibilitando a escolher e políticos mais honestos que não façam mau uso do dinheiro público. Para isso, elas se valem de uma linguagem própria que, como foi dito, tem o desenho e o texto como base.

Capítulo III

O governo Lula nas charges da *Folha*

O objetivo aqui é mostrar os principais aspectos do Governo Lula nas páginas da *Folha de S. Paulo* sob a óptica das charges de Angeli. As conquistas e os escândalos, e o que de fato chamou mais a atenção das charges da *Folha* referente a este governo. O crescimento econômico, o aumento de empregos, as melhorias sociais, escândalos de corrupção. Os pontos positivos e negativos foram analisados sob os traços dessas charges.

A *Folha de S. Paulo* surge em 1960 com a unificação de três noticiários, o *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e “*Folha da Tarde*. Em 1921, ainda como *Folha da Noite*, adota uma parcialidade política apoiando o tenentismo e o Partido. Somente a partir de 1945 é que se adota a imparcialidade política em suas matérias. Em meados da década de 70 do século XX, torna-se também um veículo de comunicação a favor da redemocratização do Brasil, publicando, em suas páginas, textos de militantes políticos perseguidos pelo Regime militar. Na década de 1980, chega a ser um dos jornais mais lidos do país. Ao longo do tempo, o jornal foi se modernizando cada vez mais, e, hoje, a *Folha* figura entre os principais meios de comunicação do Brasil.

Todos sabem da importância e a força deste jornal, não só na sociedade paulista, mas, de certa forma, no Brasil inteiro. Talvez a força desse importante meio de comunicação esteja relacionada ao fato de ser do Estado de São Paulo, Estado que concentra as maiores riquezas, o maior número de indústrias, na verdade, o maior centro econômico do país, talvez por isso suas publicações consigam obter bastante repercussão com suas manchetes a nível nacional.

Com relação ao Governo Lula, adotadas as devidas “imparcialidades” que o jornal diz manter desde 1945, podemos ter uma noção de seu posicionamento com relação a este Governo. Foram analisadas algumas edições desse período e foram selecionadas algumas charges para embasarmos nossa pesquisa, uma vez que o nosso foco são as charges veiculadas a este meio de comunicação.

Através das análises de algumas edições, destacaremos alguns dados avaliativos feitos pelo instituto de pesquisa *Datafolha* e que foram publicados nesse jornal. Durante a Era Lula, em uma edição especial da *Folha*, publicada em 2010, destacou os pontos mais positivos e negativos do seu Governo, que descreveremos alguns desses fatos seguir.

Na edição de 01 de janeiro de 2003, dia em que o presidente Lula tomava posse pela primeira vez, a *Folha* destacou as expectativas da população quanto ao início do seu primeiro governo, depois de ter sido eleito com mais de 52 milhões de votos. O instituto de pesquisa *Datafolha* apontava que 76% da população brasileira acreditava em um Governo bom ou ótimo, superando, inclusive, as expectativas do seu antecessor Fernando Henrique Cardoso (FHC). A *Folha* também destacou o fato de Lula ter sido o 39º presidente eleito pelo voto popular a receber a faixa presidencial de outro presidente (FHC) eleito nas mesmas condições, fato que não ocorria desde 1961.

As páginas da *Folha* também mostram que o ex-presidente Lula obteve durante todo seu governo altos índices de aprovação. Somente em 2005, que sua avaliação caiu por conta do episódio do “mensalão”, quando o seu governo questionado pela opinião pública, Lula se destacou com o crescimento econômico, e suas políticas de desenvolvimento social.

Lula assume seu primeiro mandato em 2003, e após os três primeiros meses de seu governo, o instituto de pesquisa *Datafolha* divulga uma pesquisa de opinião pública em que 43% dos brasileiros aprovavam o seu governo, e outros 40% dos entrevistados apontavam o seu governo como sendo regular, e apenas 10% viam seu governo como ruim ou péssimo. Ao término dos seus dois governos, o ex-presidente Lula alcança 83% de aprovação, segundo esse mesmo instituto de pesquisa. Deste modo, Lula sai do governo atingindo um índice de aprovação popular muito alto da história até aqui, superando seu antecessor (FHC) com 26% de aprovação no término de seus dois governos, e superando a si próprio durante o primeiro governo. A avaliação mais baixa do seu primeiro governo se deu em 2005, ano em que o escândalo do mensalão veio ao conhecimento do público. Mas, em 2006, mesmo depois dos escândalos do mensalão, Lula terminava com 52% dos brasileiros aprovando o seu primeiro mandato.

Segundo as publicações da *Folha*, O Governo terminou com um crescimento econômico muito bom, levando o país a ocupar a 8ª colocação no ranking das maiores economias do mundo, tendo uma média de 4% do Produto Interno Bruto (PIB), superou a dívida com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o que se associou com a superação da Dívida Externa, aumentou a geração de empregos e renda e ampliou os programas sociais.

O Governo Lula também foi marcado pelos vários escândalos de corrupção. Dentre outros, podemos lembrar aqui alguns casos que ficaram mais conhecidos como os da operação “Sanguessugas”, o “caso Waldomiro Diniz”, “Caso Francenildo”, os “Aloprados” e o “Caso Erenice”. Ressalte-se, no entanto, o que foi mais destacado entre todos, o que ficou conhecido como “Mensalão”, ocorrido ainda no primeiro Governo, e se tratava, segundo o exposto à opinião pública, de um esquema que se deu por parte de alguns políticos ligados ao Governo em busca de comprar parlamentares em troca de apoio político. Esses escândalos acabaram sendo associados ao próprio Governo, servindo-o para desgastá-los ao serem identificados como os pontos mais negativos de toda sua gestão.

Através desses dados foi possível ter uma ideia de como foi a era Lula nas páginas da *Folha de S. Paulo*. O seu Governo teve altos índices de aprovações e de crescimento em diversas áreas, mas também foram marcados por vários casos de corrupção. Vale destacar também que apesar dos casos de corrupção já citados anteriormente, não dificultaram a sua reeleição em 2006, e muito menos impediram de fazer a sua sucessora à Presidência da República.

Ainda a respeito do governo Lula, embora ele tenha tido uma grande aprovação popular segundo as pesquisas da época, e já mencionadas aqui, há sempre quem pense diferente. É o que se constata em algumas opiniões de pessoas contrárias ao Governo, segundo uma enquete feita e publicada ainda no término do seu primeiro mandato. A *Folha de S. Paulo* fez a seguinte pergunta, na edição de 31 de dezembro de 2006: “O que você espera do segundo Governo Lula?” Vejamos algumas das respostas dos entrevistados:

Não tenho a menor fé, porque o primeiro mandato foi tão triste. Mas como cidadã brasileira, espero que seja completamente diferente do primeiro. Senão, nós estamos perdidos. (Nana Caymmi, cantora)

Menos demagogia (lida no Brasil como “pragmatismo”) e mais seriedade em relação às grandes questões da democracia brasileira, que são maiores do que suas dimensões populistas. (Roberto Damatta, professor da PUC)

O governo precisa mudar em muitos aspectos. Mas gostaria de cobrar mais da gente. Que o povo expresse sua de forma definitiva, como houve com o aumento do salário dos parlamentares. (Antônio Callone, ator)

Sendo que o 1º governo Lula ainda não alcançou as metas prometidas, esperamos que ele faça, realmente, um governo voltado para as reais necessidades do povo e observando o controle ético dentro do governo. (Dom Geraldo Magela, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB)

Que respeite a vocação do nosso país, que é o agronegócio. É importante que o governo saiba que não existe democracia sem o direito de propriedade, que nunca esteve tão fragilizado. (Luiz Antônio Nabhan Garcia, presidente da UDR (União democrática ruralista))

O escritor Ruy Castro foi mais radical, e disse as seguintes palavras: “Que esses quatro anos passem depressa como nunca na história deste país”. Na contramão dessas opiniões, destaco aqui o comentário de Oscar Niemayer e da cantora Daniela Mercury que viam o Governo com bons olhos. Vejamos com suas próprias palavras:

Que seja melhor que o primeiro. Que seja mais engajado na luta de defesa da América Latina e que mantenha o sucesso que ele tem na área social, no combate à pobreza. Vamos com Lula. (Oscar Niemayer, arquiteto)

Que o presidente tenha a ousadia dos grandes líderes para fazer do seu governo um marco de transformação, escolhendo o caminho do desenvolvimento baseado na educação e na justiça social. (Daniela Mercury, cantora)

Além desses dois, dentre os que responderam a enquete, apenas Yara Marques, desempregada na época, e o garçom Paulo Henrique não trataram de forma negativa ao Governo, como podemos ver a seguir:

Que o Lula mantenha a estabilidade da economia e a diminuição da taxa de desempregos formais, porque eu acho que o grande problema de hoje em dia são os informais. (Yara Marques Simões, desempregada)

Espero que o Lula melhore o desemprego. Está tudo muito caro – apesar de que ele melhorou os preços. Ele fez muito projeto bom, mas tem que tomar cuidado porque as coisas começaram a piorar. (Paulo Henrique Xavier, garçon)

A maior parte dessas opiniões, de certa forma, contraria um pouco o pensamento da maioria das pessoas, pois, segundo o *Datafolha*, ao término do segundo governo, Lula 76% dos brasileiros considerava o nosso País um lugar bom ou ótimo para se viver.

Angeli e suas charges

A *Folha de S. Paulo* sempre contou com nomes de peso do mundo das charges; nomes como os de Laerte, Glauco, dentre outros, mas escolhemos as charges do Arnaldo Angeli Filho, para servir de base neste trabalho com suas ilustrações. Trata-se das charges voltadas para a política, que sempre estiveram presentes em seus trabalhos, desde a época da Ditadura Militar brasileira. As charges referentes à nossa política, segundo o próprio Angeli, o fazem para incomodar, para criticar mesmo, como está dito em suas próprias palavras: “Eu sou um crítico, é... sendo um crítico, tenho o direito de criticar qualquer lado. Eu sou a favor do ser humano. Então eu trabalho pensando nisso” (ANGELI, *TV Folha*, 2015). Ele afirma, nesta entrevista, que, através de suas charges, consegue criar confrontos na política. Para reforçar um pouco mais a sua fala, veja o que ele disse em outro trecho dessa mesma entrevista:

Eu fui construído para entrar em confrontos. Eu sempre tentei até dentro da *Folha* criar confrontos, com o jeito de tratar o político, o jeito de cutucar o comportamento desse político... Eu ficava torcendo para chegar matéria com o Maluf, porque o Maluf era o excremento da política... mas ele tirava de letra, isso é o que era pior: ele tirava de letra.

Essa fala acima de Angeli nos faz retomar, mais uma vez, as afirmações de Melo, quando ele fala sobre a possibilidade de liberdade que os meios de comunicação oferecem para que os chargistas produzam suas obras de forma independente. Isso fica

muito claro quando Angeli diz que foi construído para criar confrontos; e, em outro trecho dessa mesma entrevista, ele diz que: “*Folha*, por exemplo, é ela abre espaço para isso, tem diálogo, dá pra chegar e falar assim: ‘olha, pessoal, eu tô pensando em fazer isso aqui, qui tal?’”. (Angeli, *TV Folha*, 2015).

Angeli, como ficou mais conhecido, começou sua carreira artística muito cedo. Já aos 14 anos de idade, publicava seus trabalhos. Paulista, da capital, nasceu em 1956, seus trabalhos e sua carreira profissional sofreram influências de outros grandes nomes desse ramo artístico, como: Millor Fernandes, Jaguar e Ziraldo, além de Robert Crumb, chargista norte americano. Começou a trabalhar na *Folha de S. Paulo* em 1973. Angeli trabalhou também em outros jornais da época como o *Pasquim*. Além de publicar seus trabalhos na *Folha de S. Paulo*, tem suas ilustrações publicadas em mais 15 jornais, além de publicações em jornais de Lisboa, em Portugal, e as grandes personalidades políticas estão sempre presentes em suas charges.

As primeiras charges referentes à política feita por Angeli, e publicada na *Folha*, ocorreram ainda durante o Regime Militar. Exemplo disto é a charge seguinte:

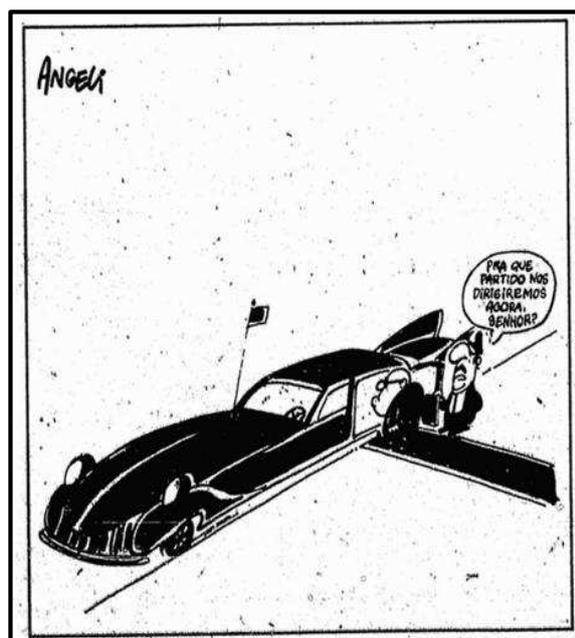


Figura 07 Charge na época da ditadura militar. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2015/09/20/angeli> -40/

Como podemos observar na charge acima, ele fazia uma referência ao ex-presidente militar João Figueredo, quanto às questões políticas na época. Vejamos, então:

Em charge de 1981, Angeli retrata o general Golbery do Couto e Silva tranquilizando o então presidente militar João Baptista Figueiredo e sugerindo que um partido de oposição poderia ser aceito pela ditadura desde que o civil José Sarney fosse colocado no comando. De fato, Sarney esteve em torno do poder nas quatro décadas seguintes”. (PLIGER, 2015)

Ainda sobre essa discussão, um fato interessante chama atenção nessa charge, produzida ainda nesse período militar, é a suavidade de sua crítica; pois, durante o regime ditatorial, esse seguimento artístico acabou sendo comprometido. Como já foi mencionado anteriormente, durante essa época, havia muita censura e repressão, e, desse modo, a charge não consegue atingir seu principal objetivo, que é a crítica. Retomo aqui mais uma vez o que diz Melo (*apud* Neide aparecida arruda de OLIVEIRA e Lara Monique O. ALMEIDA, p. 83):

Na Ditadura Varguista publicavam-se charges abordando fatos da política internacional [...] No pós-64 os militares não permitiram à imprensa qualquer manifestação que contrariasse o espírito do “Brasil Grande”. A charge saiu de cena mais uma vez, escapulindo para a imprensa alternativa.

O Governo Lula nos traços de Angeli

Durante os oito anos da “Era Lula”, foram muitas as ilustrações feitas por Angeli na *Folha*, mas optamos por analisar sete charges, que veremos a seguir, visando mostrar os aspectos mais marcantes de seu Governo sob o olhar do chargista expresso nelas.

Tendo por base as leituras dos nossos teóricos e historiadores das charges, anteriormente citados, fazemos aqui as nossas análises, sem esquecermos do caráter opinativo delas. E agora cientes de que é preciso contextualizá-las, uma vez que elas fazem referência a um espaço temporal, como já foi dito anteriormente, faz-se necessário estarmos cientes do contexto a que elas se referem, uma vez que as charges podem simbolizar ou registrar um momento histórico. Nesse sentido, Nery (*apud*

OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 85) diz o seguinte: “para ser decodificada, a charge necessita manter uma relação estreita com o cotidiano e o universo cultural do leitor”. Deste modo, confirma-se, nestas palavras de Nery, que, ao se fazer a leitura da charge, devemos levar em conta o seu contexto histórico e a sua temporalidade.

Segundo o próprio Angeli, as charges, com relação ao governo Lula, acabam marcando a sua trajetória política, por ele ter sido engolido pelo sistema, e ter se diminuindo um pouco ao chegar à Presidência da República por conta disto. Assim, as suas charges de Angeli acabaram tomando um ar meio dramático, o que, para ele mesmo, se fez necessário para construir uma piada a respeito do assunto. Essa charge abaixo representa o jeito ou o estilo Lula de ser, na visão do chargista:



Figura 08 Palácio de Buckingham, uma semana depois... Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/12/06/2/>

Nessa charge acima (**Figura 08**), podemos perceber o que o chargista quis dizer, quando a charge sobre Lula ganha um ar dramatizado. Essa charge se refere a um encontro de chefes de Estado, que aconteceu em Londres, quando, na ocasião, tiraram uma foto com todos chefes que estavam ali presentes, e o ex-presidente, que estava sentado bem ao lado da rainha da Inglaterra, era o mais sorridente. Vejamos nas palavras do próprio Angeli, em uma outra entrevista (2011), desta feita, na *TV Uol*. Veja o que ele disse a respeito de Lula nessa charge acima:

[...] e o Lula era o Máximo para o Lula, era o ponto alto dele, ele 'tava' bem ao lado da rainha, e tinha um cenário todo pomposo, todo vermelho com motivos na cortina... é é... parede com aquelas pinturas inglesas antigas, né?, uma coisa montada. Eu reproduzi o cenário todo... É... quase que fielmente, né?, reproduzi o cenário todo, só que sem ninguém. Só tinha uma cadeira, e sentado, só tinha o Lula, e o Lula continuava lá (*risos*) [...]. (ANGELI FILHO, 2011)

A segunda charge que foi selecionada, referente a esse Governo, retrata um dos aspectos mais badalados da campanha presidencial de Lula, e que virou, talvez, o principal objetivo do seu Governo, que foi o de combater à fome. Essa promessa de acabar a fome, no Brasil, foi reafirmada em seu discurso de posse no Congresso Nacional, no início do seu primeiro Governo, como se observa no trecho do discurso abaixo:

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha. Por isso, defini entre as prioridades de meu governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de "Fome Zero". Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida. É por isso que hoje conclamo: Vamos acabar com a fome em nosso país. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobras e a memorável luta pela redemocratização do país. Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana. (LULA, 2003)

Como podemos ver nas palavras do próprio presidente, no discurso acima citado, Lula prioriza o combate à fome como um dos principais eixos da plataforma de seu governo, e com relação a essas promessas, é claro que não passou despercebido pelo olhar das charges. Nessa charge que se segue abaixo, podemos observar a crítica do artista a respeito desse tema:



Figura 09 - Arnaldo. A alma do negócio. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2003/02/03/2/>

Seguindo ainda com a discussão a respeito dessa charge, Angeli acaba recriando todo um aspecto suburbano muito comum nas grandes cidades brasileiras, e, no centro dessa cena, ele buscou retratar uma família simples de baixa renda. E, como é muito comum de se ver, geralmente essas famílias são bem numerosas. Olhando para elas, um cachorro desnutrido retrata muito bem todo um quadro social de exclusão, uma vez que havia, assim como ainda há, muitos nessa mesma situação à espera dos programas sociais do governo federal, sendo exemplo deste tão falado e badalado “Bolsa família”. O artista utiliza apenas legendas: na parte superior da charge, “a alma do negócio”, ditado popular usado pelo artista para criticar a espera por esses projetos assistencialistas, uma vez que havia inúmeras propagandas a respeito desse assunto. Na parte inferior, outra legenda, reforça a ideia do chargista, procurando expressar a espera ansiosa das famílias menos favorecidas, que esperavam ser beneficiadas com esse Projeto.

Outro aspecto, visado pelo chargista, foi a questão da mudança de postura política do então Presidente, que sempre foi tido como de ideologia de esquerda. Uma vez no governo, essa ideologia de esquerda foi mais ou menos deixada em para segundo plano. Quanto a essa questão, em entrevista ao site *UOL Notícias*, em janeiro de 2011, o chargista Angeli fala um pouco sobre suas charges durante a “Era Lula”, e destaca o ex-presidente Lula como sendo diferente dos outros políticos, por ele ter uma história que, segundo ele, poucos políticos têm:

O a gente sabe da história que ele tem, teve né teve uma trajetória bonita até chegar na presidência né, ele teve uma trajetória assim que pouca gente teve poucos políticos teve né, eu tenho uma coisa assim diz, saber que o.., o Lula, também foi engolido por esse sistema político né, então fez cargos, criou cargos para pessoas que ele precisava é alocar em algum lugar ou colocar a frente de uma posição qualquer e tal . (ANGELI, 2011).

Nesse trecho da entrevista, fica visível a postura do chargista em relação ao ex-presidente Lula, que, segundo o próprio Angeli, acaba sendo engolido pelo sistema. Em outro trecho da mesma entrevista, Angeli afirma que essa iniciativa de criar cargos, para comprar pessoas ou aliados, vem desde o Império, quando Dom Pedro já criava cargos com essa intenção. E, segundo ele, Lula, enquanto Presidente da República, acabou sendo também engolido por esse sistema clientelista político brasileiro. Para reforçarmos o que foi dito pelo chargista, vejamos o que ele diz nessa charge abaixo:



Figura 10 Novo empreendimento em Brasília. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fjsp/2006/11/28/2/>

Através dessa charge exposta acima, fica visível o pensamento de Angeli com relação a essa nova postura de Lula. Nela, vemos o presidente à frente do Palácio do Planalto, quando o chargista remodela-o como sendo um novo empreendimento, uma espécie de loja ou shopping, com inúmeros anúncios de cargos e ministérios, lembrando uma espécie de feirão com grandes promoções, para atrair as pessoas, isto é, consumidores; nesse; caso atrair apoio político.

Vejamos nessa outra charge, publicada em outubro de 2006, onde o presidente é retratado numa espécie de mesa redonda de centro espírita, quando Angeli dá a entender

que aquele Lula dos tempos das lutas sindicais da Região do ABC paulista ficou mesmo para trás, ou, ainda na crítica do chargista, estava morto. Com isso fica visível a mudança de posicionamento político do então líder metalúrgico. Aquele velho radicalismo que o Lula sempre carregou, e que foi assim que ele ficou conhecido em todo país, parece mesmo ter ficado para trás. Vejamos a charge abaixo:



Figura 11 Buscando ajuda no além. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/2006/10/08/2/>

Na época das publicações dessas duas charges, vale informar que elas foram produzidas em época de eleições; e, nesse mesmo ano, alguns casos de corrupção vieram a público. Ainda seguindo com essa discussão em relação à mudança por que passou o Lula Presidente, que podemos ver como uma mudança na estratégia de sua atuação política, fica muito claro que o ex-presidente, que, ao longo de sua vida política, ficou conhecido como intransigente, passa a adotar outros discursos diante de seu Governo. Lula faz coligações com políticos conhecidos antes como de direita, o PMDB, antigo desafeto, passa a ser partido aliado, dentre outros nomes da política que se opuseram a Lula durante seu governo, mas passaram de inimigos políticos a aliados políticos. Vê na charge abaixo:

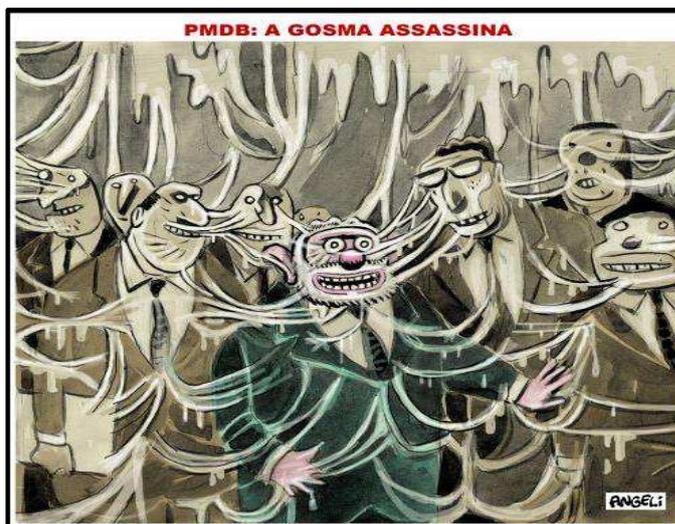


Figura 12 PMDB, a gosma assassina. Disponível em:
<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2007/03/28/2/>

Nessa charge acima (*figura 12*), Lula é retratado grudado a uma espécie de gosma, ou cola pegajosa, onde o chargista busca definir os políticos do PMDB como sendo algo grudento. Essas alianças com políticos de partidos até então inimigos serviram de base de sustentação dos seus dois governos, e, deste modo, Lula consegue não só manteve a governabilidade, mas como também manteve um bom desempenho em várias áreas da administração, o que lhe rendeu a sua reeleição e posteriormente a sua sucessão presidencial, elegendo Dilma Rousseff para a Presidência da República. Assim, quanto aos políticos do PMDB, Angeli fez o seguinte comentário: “O Lula fez coisas bem importantes, mas fez também outras bem negativas, como se aliar à corja do PMDB, um partido de ratos sujos, que vivem à sombra do MDB da ditadura, e vendem, até hoje, a ideia de que reformularam o Brasil” (ANGELI FILHO, 2012).

Outro fator bastante retratado durante a “Era Lula”, e, sem dúvida, um dos aspectos mais abordados pelos chargistas, foram os escândalos de corrupção. Os assuntos relacionados estes escândalos, marcaram e muito o seu primeiro Governo, e foram bastante abordados pela imprensa na época. Vejamos como a referência ao Mensalão, por exemplo, está presente na charge de Angeli, na edição da *Folha* de 2006:



Figura 13 Os tucanos exorcistas. Disponível em:
<http://acervo.folha.uol.com.br/fjsp/2006/10/27/2/>

Na charge acima, (**Figura 13**), podemos observar os políticos da oposição, representados aqui pelos “tucanos”, como são conhecidos os políticos do PSDB, o maior Partido de oposição, na época (e também ainda hoje), e que defendiam o impedimento (impeachment) do presidente Lula, por conta de escândalos de corrupção. Nesse ano de escândalos, como o caso “Francenildo”, os “Sanguessugas” dentre outros já citados anteriormente, era a pauta das discussões. A charge descreve o presidente Lula em uma espécie de cama todo amarrado e com os tucanos exorcizando o então presidente. Fica visível aí a luta pelo poder, no país, travada entre PT e PSDB, desde a época FHC. E a sede que eles tinham de retirá-lo da Presidência. Por essa charge dá para perceber bem o quanto a esses escândalos, foram debatidos e relatados pelos opositores e por toda imprensa nacional da época. O PSDB e o PFL (hoje, DEM), acabaram representando assim o papel de principais partidos do bloco oposicionista.

O ano de 2006 foi também o ano de eleições presidenciais. Lula liderava as pesquisas de intenção de voto, o que se confirmou, nas urnas, dando a ele o seu segundo mandato. Nesse mesmo, ano o ex-presidente FHC deu uma entrevista à *Folha*, quando se dizia contrário ao que defendia o seu Partido, o PSDB, em defender o impeachment de Lula. Nessa entrevista, ele disse o seguinte: "Essa não é minha idéia. Eleição você respeita. O povo decidiu está decidido" (*Folha de S. Paulo*, 27 de outubro de 2006).

Ainda, nessa entrevista, quando se colocou contrário ao processo de impeachment de Lula, FHC também afirmou que os erros precisavam ser apurados e punidos, como

vemos em suas palavras em entrevista à rádio Bandnews FM: "[O PSDB] vai votar do mesmo jeito." Foi o que afirmou ao dizer que o PSDB não deixará de apoiar as propostas de interesses nacionais. A isto, segundo a *Folha*, acrescentou: "a voz do povo tem de ser respeitada. Isso não quer dizer que os erros não tenham que ser punidos" (FHC *apud Folha de S. Paulo*, 27 de outubro de 2006).

Ainda com relação ao que Angeli nos diz sobre a oposição ao Governo Lula, podemos mostrar um pouco a sua visão com relação aos políticos de oposição de modo geral, ao manifesta suas opiniões, como o fez em entrevista concedida a Marcelo Pinheiro da revista *Brasileiros*, ao deixar clara a sua insatisfação em relação a esses políticos: "Temos uma oposição de ratos e não são aqueles ratinhos branquinhos, fofinhos, são ratões gordos e sujos procriando filhotes. Estão aí o neto do ACM, o filho do Cesar Maia e tantos outros..." (ANGELI FILHO, 2012).

Através dessas charges expostas, tivemos uma noção de como se deu o governo Lula na retratação das charges da *Folha*. Mas se pudéssemos resumir esse Governo em uma única charge, certamente seria essa nomeada por Angeli de "Além do horizonte" que veremos a seguir. Esta charge talvez seja a mais enigmática de todas elas aqui selecionadas, pois representa mais ou menos a visão das camadas mais pobres a respeito do então presidente Lula, ou seja, resumem bem a "Era Lula", como podemos ver em sua exposição abaixo:



Figura 14 Além do horizonte. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/06/27/2/>

Nessa charge acima (*figura 14*), o ex-presidente aparece sendo retratado como uma espécie de messias: assim como no Egito, onde Moisés liberta seu povo da escravidão do faraó egípcio, sendo o responsável por mostrar a “terra do leite e do mel”. Aqui o chargista parece ironicamente associar a figura de Lula a figura do profeta. Deste modo, ele retrata o Ex-Presidente como um *líder* ou *um profeta*, conforme aparece na visão da população mais humilde; talvez, por ser de origem muito pobre, há sempre essa ligação com o povo mais carente. Apesar do Brasil figurar entre as maiores economias do mundo, ainda prevalecia muitas desigualdades sociais, e Lula, percebendo isso, faz do combate a fome o seu principal objetivo no Governo. Isso que deu origem ao Programa “Fome Zero”, mas principalmente ao “Bolsa Família”, que serviu e muito para o então Presidente ampliar sua popularidade e prestígio junto a maioria da população, principalmente a população de baixa renda.

Assim sendo, acreditamos que seja essa a imagem da maior parte da população mais carente, com relação à figura do ex-presidente Lula. A charge acima referida (*figura 14*) expressa isso muito bem, e, por isso, ela serviu, digamos assim, para popularizar essa imagem de salvador da pátria segundo as classes menos favorecidas. Isto vem confirmar o fato de que as charges, embora façam críticas aos políticos, também servem de algum modo para popularizar uma determinada personalidade política assim como nos diz Nery (*apud* OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 85): “não é incompreensível, portanto, a ânsia com que muitos políticos iniciantes da vida pública desejam ver-se caricaturados justamente para obterem mais rápida popularização”.

As novas técnicas de reprodução acabam, de certo modo, contribuindo para a massificação da arte, acaba, servindo, portanto, a essa popularização. Isto significa que, na política não é diferente do que ocorre com a arte, uma vez que a figura do político deixa de ser uma exibição apenas para um grupo pequeno de parlamentares, por exemplo, e ganha visibilidade graças a esses meios de comunicação de massa. Ao se reportar a isso, Benjamin (1994, p. 183) diz, com suas próprias palavras, o seguinte:

A metamorfose do modo de exposição pela técnica de produção é visível também na política. A crise da democratização pode ser interpretada como utopia crise nas condições de exposição do político profissional. As democracias expõem o político de forma imediata, em pessoa, diante de certos representantes. O parlamento e seu público. Mas como as novas técnicas permitem ao orador ser ouvido e visto por um número ilimitado de pessoas, a exposição do político diante dos aparelhos passa ao primeiro

plano. Com isso os parlamentos atrofiam, juntamente com o teatro. O rádio e o cinema não modificam apenas a função do interprete profissional, mas também a função de quem se representa a si mesmo diante desses dois veículos de comunicação, como é o caso do político.

Seguindo esse pensamento de Benjamin, podemos afirmar que por estarem veiculados a esses meios de comunicação de massa, a arte das charges também contribui com essa exposição da figura dos políticos de modo geral. Fazendo com que um número muito maior de pessoas tenha acesso a essas a imagem e, conseqüentemente, popularizando ainda mais o político que está sendo retratado na charge.

Podemos então concluir que as charges, além de ser uma arte e um gênero opinativo presentes nos jornais, expressam também, como já dissemos, as opiniões dos chargistas; e, com relação ao Governo Lula, o próprio Angeli (*apud* PINHEIRO, 2012) diz o seguinte: “O Brasil avançou com o Lula, mas ele tolerou um monte de coisas graves negociou com vários lados e, algumas vezes, seguiu o caminho errado”.

Considerações Finais

A história da arte e a história do homem, de certo modo, se entrelaçam, uma vez que a arte está em nossas vidas desde os primórdios da humanidade. Isto significa que a arte, ao se fazer em suas diferentes formas, permite ao ser humano comunicar os seus sentimentos, bem como sua compreensão de mundo, ao tempo que com ela é possível dizer da sua postura diante das coisas e diante do que fazem os homens com essas mesmas coisas. Por assim ser, pode-se pensar no que é possível afirmar com a arte, seja a respeito da natureza e da cultura, assim como é possível com ela se fazer a manifestação daquilo que se pensar sobre a atuação dos homens em relação ao poder em suas mais diferentes esferas. Pensando assim é que nos voltamos para uma possível compreensão do Governo Lula através das charges de Angeli na *Folha de S. Paulo*.

A análise das charges que fizeram referência ao Governo Lula nos permitiu dizer que elas mostraram e registraram um momento histórico, assim como também serviram como instrumento de conscientização popular. Isso foi possível por sintetizarem de forma resumida e, ao mesmo tempo, abrangente os fatos retratados, utilizando uma linguagem sarcástica, mas sem perder o foco da crítica. Portanto, elas conseguiram repassar de forma cômica os acontecimentos; contudo proporcionam ao leitor do texto a possibilidade de uma visão crítica sobre o que estava retratado.

Em todas as charges analisadas por nós, o chargista Angeli fez uma referência muito maior aos escândalos envolvendo membros do Governo Lula e as políticas públicas de cunho social, assim como também a mudança de posicionamento do ex-presidente que passou de líder metalúrgico, visto por muitos como um político de esquerda, para um líder mais moderado, além, o referido chargista também destacou a sua popularidade.

Acreditamos ter atingido nossos propósitos com relação a esta pesquisa, atingindo nossos objetivos, uma vez que conseguimos demonstrar os aspectos mais marcantes do Governo Lula sob a ótica das charges de Angeli. No geral, acreditamos que, de imediato, as charges expostas aqui serviram para que tivéssemos uma noção de como se deu o Governo Lula, e conseguimos também demonstrar o poder de conscientização

popular através das charges, uma vez que ficou evidenciado o poder de comunicação e de representatividade da coisa pública expresso pelas charges.

Vale dizer que nos foi possível mostrar as charges não só como uma ferramenta de comunicação que exprime o pensamento do chargista, mas também levando em consideração todo um aspecto cultural e um contexto histórico em que está inserido e que são expressos por elas. Esse aspecto cultural e o contexto histórico são fundamentados no papel da charge, uma vez que elas buscam registrar um dado acontecimento, mas também podemos ver a arte das charges como mais uma forma de conscientização popular. Neste sentido, há de se considerar o aspecto informativo com que buscamos apresentá-la como meio de conscientização. Vale, então, retomar a constatação de Ernst Fischer quando o mesmo diz que a arte se faz necessária para um processo de clareamento das ideias humanas. Esta afirmação de Fischer condiz com o nosso intuito de mostrar a arte das charges como mais um meio que auxilia o homem nesse processo de conscientização dos fatos, e, com isso, ajuda também no sentido de clareamento das ideias.

Fazendo um contraponto a essa definição de arte feita por Fischer, retornamos também ao pensamento de Adorno que critica a produção da arte no mundo moderno capitalista. Quando Adorno fala do seu desaparecimento ou pelo menos do quanto a arte fica comprometida nos dias de hoje, permite afirmar que a arte contemporânea se perdeu por conta das suas massificações com vistas ao consumo, fazendo com que as obras de arte entrassem para o rol das mercadorias, ou seja, a arte passava a ser tratada como um objeto qualquer, e que esse processo se impõe ao artista, resultando no comprometimento dessa arte. Concordamos com Adorno nesse ponto, uma vez que o chargista acaba submetido à imposição mercadológica do sistema capitalista. Isso significa que a sua arte passa a ter um valor de mercado, a começar pela mão de obra que é posta à venda como a mão de obra com que se fazem diferentes produtos mercantilizados. As charges, assim como um produto qualquer, acabam sendo produzidas para uma empresa que, ao mesmo tempo em que compra a sua arte como uma forma de remuneração do artista, não tem em vista o valor dela em sua significação de arte, mas como produto com que visa o lucro. Mesmo assim, entendemos que a arte das charges não perde seu valor artístico ao se fazer como instrumento que o chargista

manifesta as suas opiniões, ao mesmo tempo em que informa. Deste modo, continua ainda sendo mais um meio de conscientização.

Ainda dentro desse contexto capitalista referido por Adorno, vale considerar a forma com que o capitalista se vale do aparato tecnológico a que recorre para a redução da arte à condição de mercadoria. Por outro lado, vale ressaltar que esse avanço tecnológico do mundo moderno capitalista propiciou o desenvolvimento da técnica de reprodutibilidade, como nos diz Walter Benjamin, facilitando ainda mais as reproduções das artes, dentre elas, as artes gráficas. Benjamin não via isso com bons olhos, por conta de que esses meios tecnológicos acabam destruindo a aura da obra de arte ao tempo em que tira dela o seu valor de culto, ocasionando assim a perda de sua unicidade. Graças a essa tecnologia, a arte é reduzida a uma mercadoria, o que se faz em nome da sua democratização, no momento em que ela se torna cada vez mais acessível a uma espécie de consumo. Essa acessibilidade da arte proporcionada pela tecnologia, contraditoriamente, acaba se convertendo em um benefício para as charges, uma vez que lhes permite uma maior difusão através de diferentes meios de comunicação, sendo exemplo destes o jornal, a revista e a televisão.

No caso das charges da *Folha* aqui utilizadas, representam mais a sociedade paulistana, o que nos levam a acreditar que se faça necessário, numa futura pesquisa, fazer outros levantamentos com outros meios de comunicação desse gênero em outras regiões do Brasil. Tratando-se do Brasil como um país muito grande, ao tempo em que possui uma vasta diversidade cultural, o que pode nos proporcionar outros resultados surpreendentes.

Por fim, ao fazermos este estudo, percebe-se que os esforços para compreender a significação das charges em seu sentido geral, e mais especificamente as de Angeli na *Folha de S. Paulo*, por mais que tenham permitido dizer do alcance desse empreendimento artístico, ainda não são suficientes para alcançar o seu sentido maior. Assim, é possível dizer que há muito a ser explorado em relação ao que expressa essa arte e, de uma forma mais específica, o trabalho de Angeli.

Considerando o acima exposto, espera-se também que a partir desta pesquisa possam surgir outras novas possibilidades de estudo tendo as charges como documento histórico. Queremos também aqui reforçar a ideia de que a arte das charges não é apenas

simples ilustrações em uma página de jornal ou revista; elas também podem ser muito importantes para essa conscientização do cidadão quanto aos seus direitos no que se refere à coisa pública, bem como a causa para a busca de respeito à dignidade humana. As charges de Angeli mostram com exatidão todos os sentimentos de revoltas e de críticas de toda uma sociedade.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. Tradução por Denise Bottmann e Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ANGELI FILHO, Arnaldo. Angeli fala sobre o desafio de caricatura Dilma Rousseff. **TV Folha**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/854721-angeli-fala-sobre-o-desafio-de-caricaturar-dilma-rousseff.shtml>. Acessado em: 01/01/2016.

AS CHARGES de Maomé. **To De Barba**. Disponível em: <http://todebarba.blogspot.com.br/2012/09/charges-de-maome.html>. Acessado em: 03/09/ 2015.

ANGELI FILHO, Arnaldo. Palácio de Buckingham, uma semana depois... **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 de abril de 2009. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/12/06/2/>. Acessado em: 16/12/2015.

ANGELI FILHO, Arnaldo. A alma do negócio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 de fevereiro de 2003. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2003/02/03/2/> . Acessado em: 13/12/2015.

ANGELI FILHO, Arnaldo. Novo empreendimento em Brasília. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 de novembro de 2006. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/11/28/2/>. Acessado em: 17/12/2015.

ANGELI FILHO, Arnaldo. Buscando ajuda no além. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08 de outubro de 2006. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/10/08/2/>. Acessado em: 14/12/2015.

ANGELI FILHO, Arnaldo. PMDB, a gosma assassina **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 de março de 2007. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2007/03/28/2/>. Acessado em: 15/12/2015.

ANGELI FILHO, Arnaldo. Os tucanos exorcistas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 de outubro de 2006. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/10/27/2/>. Acessado em: 15/12/2015.

ANGELI FILHO, Arnaldo. Além do horizonte. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 de junho de 2006. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/06/27/2/>. Acessado em: 14/12/2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução por Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1).

BATISTA, Silmara Siqueira; ALVES, Gustavo Biasoli. **Charges de Angeli, um estudo em análise crítica do discurso**. Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias/LINGUAGEM/CHARGES%20DE%20ANGELI.pdf>. Acessado em: 30/05/2015

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**; Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução por Dr. Vicente Felix de Queiroz. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 383 p. Tradução de: An essay on man.

CÍRCULO FOLHA. História da Folha. **Folhaonline**. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm. Acessado em: 21/03/2016.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 136 p. (Coleção Primeiros Passos, 46).

CATANHO, Maria Clara Cavalcante. **Charge**: intertextualidade e humor. UFPE, 2012. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/155.pdf>, acessado dia 02/12/2015

DAMUIER, Honoré. Gargantua. **OpenBrasil.org**. 20 de maio de 2014. Disponível em: <http://charge.openbrasil.org/2014/05/honore-daumier.html>. Acessado em: 03/09/2015.

DATAFOLHA. Instituto de Pesquisa. **Avaliação Governo Lula Dezembro 2010**: acima das expectativas, Lula encerra mandato com a melhor avaliação da história. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/12/1211078->

[acima-das-expectativas-lula-encerra-mandato-com-melhor-avaliacao-da-historia.shtml](#).

Acessado em: 11/06/2015.

ENQUETE. O que você espera do segundo mandato de Lula? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 de dezembro de 2006. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/12/31/2/>. Acessado em: 23/04/2016

ENCICLOPÉDIA. Itaú Cultural. **Biografia de Angeli**. <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6199/angeli>. Acessado em: 20/05/2015

FLORO, Paulo. **Crítica: toda Rê Bordosa**, de Angeli. Disponível em: <http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2012/07/12/critica-toda-re-bordosa-de-angeli/>). Acessado em :18/01/2016

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Tradução por Leandro Konder. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 256 p. Tradução de: Von der notwendigkeit der kunst.

FERREIRA, Renato Fonseca. **A charge como ferramenta da arte comunicação**. Disponível em: revistas.ucg.br/index.php/panorama/article/download/1866/1166. Acessado em 13/03/2016

G1. Além de Maomé, Jesus, o papa e políticos foram capa do semanal. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/alem-de-maome-jesus-o-papa-e-politicos-foram-capa-do-semanal.html>. Acessado em: 13/02/2016.

GARCIA, Maria. **A história das charges no Brasil, e a crítica por trás dos traços**. Disponível em: <http://imprensaodigital126.com.br/?p=10062>. Acessado em: 23/10/2015.

GRASEL, Rafael. A primeira charge no Brasil. **Estúdio Felipe**. São Paulo, 21 de novembro de 2009. Disponível em: <http://estudiorafelipe.blogspot.com.br/2009/11/primeira-charge-do-brasil.html>. Acessado em 21-01-2015.

HARTMANN, Hélio Roque. Adorno: arte e utopia. Entre o pessimismo político e o otimismo estético. In: RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro; PUCCI, Bruno (Orgs.). **Teoria Crítica, Estética e Educação**. Tradução Newton

Ramos-de-Oliveira. Campinas-SP: Autores Associados; Piracicaba: UNIMEP; 2001. p. 75-91.. (Teoria Crítica; 3).

JANSON, H.W.; JANSON, ANTHONY F. **Iniciação à história da arte**. Tradução por Jefferson Luiz Camargol. 2. ed. São Paulo: Martins Fonseca, 1996

LEIA na íntegra o discurso de Lula no parlatório. **Folha Online**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44292.shtml> . Acessado em 21/04/2016

LEIA na íntegra o discurso de Lula no Congresso Nacional. **Folha Online**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44292.shtml>. Acessado em 21/04/2016

LULA toma posse hoje: 76% esperam bom desempenho. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2003/01/01> . Acessado em: 13/12/2015.

LULA assume Presidência e pede “controle das ansiedades sociais”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 02 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2003/01/02/2/> . Acessado em: 13/12/2015

LULA já trocou insultos com ex-presidente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 de outubro de 2006. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/10/25/2/>. Acessado em: 14/12/2015

LULA entrega país melhor, mais impostos é record. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2010/12/19/2/> . Acessado em: 16/12/2015

Manuel de Araújo Porto-alegre -Pioneirismo no Brasil. Disponível em: <http://charge.openbrasil.org/search/label/%28%2003%20%29%20Manuel%20de%20Ara%C3%BAjo%20Porto-Alegre%20-%20Pioneiro%20no%20Brasil> . Acessado em: 03/09/ 2015

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. 128 p. (Série *Fundamentos*, 38).

OS ANOS Lula 2003-2010. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2010/12/19/557/>. Acessado em: 21/04/2016

OLIVEIRA, Neide Aparecida de; O ALMEIDA, Lara Monique. **Gêneros jornalísticos opinativos de humor:** caricaturas e charges. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/38/41>, acessado em:13/12/2015

PMDB governista articula a adesão de Alckimistas a Lula. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 de outubro de 2005. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/10/25/2/>. Acessado em: 23/04/2016

PARNAÍBA, Cristina dos Santos; GOBBI, Maria Cristina. **Charge jornalística:** definição, histórico e funções. Disponível em: <http://congresso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT17-Cristiane-Parnaiba-Maria-Cristina-Gobbi.pdf>, acessado em :13/12/2015

PLIGER, Marcelo. Angeli 40 Anos de *Folha*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 de setembro de 2015. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2015/09/20/angeli-40/>. Acessado em 23/01/016

PINHEIRO, Marcelo. Confissoes de um cartunista. **Brasileiros**, São Paulo, 26, mar. 2012. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2012/03/confissoes-de-um-cartunista/>. Acessado em: 30/08/2015

PT dava mesada de R\$ 30 mil a parlamentares, diz Jefferson. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 de junho de 2005. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2005/06/06/2/> Acessado em: 13/12/2015

Parlamento às avessas. Charge D. Pedro II, disponível em: (<http://segundoreinado.wordpress.com/category/parlamentarismo-as-avessas/>) Acessado em: 05/09/ 2015

SOUSA, Rainer. **Parlamentarismo às avessas.** Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/parlamentarismo-as-avessas.htm>. Acessado em: 14/10/2015.

SALATIE, José Renato. **Era Lula (2003-2010):** Governo foi marcado por melhorias sociais e escândalos políticos (3/12/2010). Disponível em: <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/era-lula-2003-2010-governo-foi-marcado-por-melhorias-sociais-e-escandalos-politicos.htm>. Acessado em 11/10/2015